



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**ERICK FERREIRA MOURÃO BASTOS**

**A VALORIZAÇÃO DO BAIRRO DO JURUNAS EM BELÉM/PA PELA  
SUA CENTRALIDADE HISTÓRICA-CULTURAL E GEOGRÁFICA  
TENDO COMO MARCO PREDOMINANTE A CONSTRUÇÃO DO  
PORTAL DA AMAZÔNIA**

Brasília, DF

2015

**ERICK FERREIRA MOURÃO BASTOS**

**A VALORIZAÇÃO DO BAIRRO DO JURUNAS EM BELÉM/PA PELA  
SUA CENTRALIDADE HISTÓRICA-CULTURAL E GEOGRÁFICA  
TENDO COMO MARCO PREDOMINANTE A CONSTRUÇÃO DO  
PORTAL DA AMAZÔNIA**

Monografia apresentada do Curso de Geografia da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo  
Sobrinho

Brasília, DF

2015

**ERICK FERREIRA MOURÃO BASTOS**

**A VALORIZAÇÃO DO BAIRRO DO JURUNAS EM BELÉM/PA PELA  
SUA CENTRALIDADE HISTÓRICA-CULTURAL E GEOGRÁFICA  
TENDO COMO MARCO PREDOMINANTE A CONSTRUÇÃO DO  
PORTAL DA AMAZÔNIA**

Monografia apresentada do Curso de Geografia da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho

Banca examinadora

---

Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho  
(orientador)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lucia Cony Faria Cidade

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Shadia Hussein de Araújo

Brasília, 9 de julho de 2015.

*Aos meus pais Rosália e Carlos, por todo o incentivo que me deram.*

*Ao meu avô Rui, que desencarnou durante a elaboração deste trabalho e não conseguiu realizar o desejo de me ver concluindo o curso.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por ter me dado fé e força de vontade de ter ido até o fim do curso de Geografia e desta pesquisa, mesmo enfrentando diversas dificuldades e problemas pessoais.

Agradeço também ao meu orientador Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho, que me conduziu com paciência e sabedoria na elaboração e conclusão deste trabalho.

Agradeço à minha amiga Danielly Pereira, que cedeu parte do seu tempo para me ajudar e me acompanhar em visita de campo ao Jurunas, bairro que reside e conhece muito bem.

À minha amiga Camilla Priante, pela ajuda essencial de uma belenense nata.

Aos meus grandes amigos de longa data Mariana Schäefer, Fernanda Lacerda e Daniel Baylão pelo apoio diário que me deram durante o ano de elaboração deste trabalho.

À minha prima Nathália Almeida, por ter colaborado com os auxílios e as buscas bibliográficas sobre o Jurunas.

Aos meus amigos Mauro Yan e Lucas Saito pela paciência e apoio que me deram aos obstáculos surgidos durante todo o período em que estive envolvido com este trabalho.

Aos amigos e companheiros de curso Eduardo Gomes, Jéssica Medeiros, Ludmila Ítala, Stéfany Fontenele, Samara Mineiro, Mércia Tonete, Vinicius Maluly, Krishna Mara e Mônica Silva pela troca de apoio durante os altos e baixos aos quais todos nos submetemos com a realização de nossas monografias e durante todo o curso ao longo dos anos em que estivemos juntos.

À minha amiga Katharina Meneses, por me tranquilizar em momentos conflituosos durante a escrita deste estudo.

Aos meus amigos cariocas Daniel Calábria, Déborah Calábria e Daisy Calábria, os quais tenho como família e que a todo o momento me deram forças para que eu concluísse essa pesquisa e o curso de Geografia.

A todos os amigos e familiares não citados aqui, mas que muito contribuíram dando-me apoio para que eu chegasse até o fim.

*“Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim”.*

*(Chico Xavier)*

## RESUMO

O seguinte trabalho tem por finalidade compreender o processo de configuração urbana atual do bairro do Jurunas, localizado em Belém/PA, de modo que se observe como o bairro assumiu uma dicotomia de ser periférico ao mesmo tempo em que tem características de centralidade, analisando seus mais variados aspectos que o definiram dessa forma, principalmente por ser uma área valorizada e de baixada. A observação foi feita desde o período da inauguração da capital, em 1616, até os dias atuais, tendo como marco o ano de 2012, ano em que o projeto do Portal da Amazônia foi implementado e inaugurado no Jurunas, modificando a concepção do espaço e a configuração urbana local; Para tanto, será evidenciado como o processo de urbanização da capital paraense delineou a cidade ao que é hoje, abrangendo os aspectos físicos, sociais, políticos e econômicos gerais executados na região durante todo o período de sua existência, através do uso de mapeamentos históricos e atuais, fotos, imagens de satélite e entrevistas com moradores do Jurunas, os quais auxiliaram as análises e as conclusões sobre como se deu a valorização e a configuração urbana do bairro.

Palavras-chave: Jurunas, área de baixada, Portal da Amazônia, urbanização, centralidade urbana, valorização.

## ABSTRACT

The following study aims to understand the process of today's urban configuration of Jurunas neighborhood, located in Belém/PA so that we can observe how the neighborhood took a dichotomy of being peripheral at the same time that shows centrality features, analyzing its various aspects that defined it in this way mainly because it is a lowland and valued area. The observation was done since the inauguration of the capital in 1616 until nowadays, taking the year of 2012 as a landmark, when the project of Portal da Amazônia was executed and inaugurated in Jurunas, modifying its space conception and local's urban configuration; Thus, it will be evidenced how the urbanization process at the Para's capital outlined the city to become what it is today, covering general physical, social, political and economic aspects executed around the region throughout its period of existence, using historic and current mappings, photos, satellite images and interviews with residents of Jurunas, which helped the analysis and the conclusions about how the valuing and the neighborhood urban configuration were done.

Keywords: Jurunas, lowland area, Portal da Amazônia, urbanization, urban centrality, valuing.



**LISTA DE SIGLAS**

CODEM	Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDESP	Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará
RMB	Região Metropolitana de Belém
SEGEP	Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão de Belém

## LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Teatro da Paz .....	10
Foto 2 – Mercado do Ver-o-Peso .....	10
Foto 3 – Igarapé das Almas em 1905 .....	23
Foto 4 – Verticalização na área central de Belém, bairros Batista Campos e Nazaré .....	35
Foto 5 – Bairro do Jurunas e rio Guamá .....	38
Foto 6 – Limites dos bairros Jurunas e Batista Campos, notável pela verticalização no lado direito (Batista Campos) e horizontalidade no esquerdo (Jurunas) .....	41
Foto 7 – Alagamento na Rua Timbiras, Jurunas .....	43
Foto 8 – Imagem aérea do Portal da Amazônia .....	48
Foto 9 – Canal aterrado na Rua dos Caripunas .....	50
Foto 10 – Sede da escola de samba Rancho Não Posso Me Amofiná .....	55
Foto 11 – Cruzamento da Avenida Roberto Camelier com Rua Timbiras .....	58
Foto 12 – Casas de palafita às margens da Avenida Bernardo Sayão .....	58
Foto 13 – Paróquia Santa Terezinha do Menino Jesus .....	70

## LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 – Evolução da população de Belém .....	28
--	----

## LISTA DE IMAGENS DE SATÉLITE

Imagem de satélite 1 – delimitação e mancha urbana de parte do município de Belém e sua conurbação com Ananindeua .....	31
Imagem de satélite 2 – Localização e delimitação do bairro do Jurunas em Belém .....	37
Imagem de satélite 3 – Trecho da Avenida Bernardo Sayão em 2009 .....	51
Imagem de satélite 4 – Trecho da Avenida Bernardo Sayão em 2014 .....	51

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização do Portal da Amazônia .....	47
Mapa 2 – Canais do Jurunas .....	49
Mapa 3 – Localização das residências dos entrevistados .....	63
Mapa 4 – Configuração infraestrutural do Jurunas antes do Portal da Amazônia (até 2005).67	
Mapa 5 – Configuração infraestrutural do Jurunas após o Portal da Amazônia (a partir de 2012) .....	68

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – O estado do Pará.....	12
Figura 2 – Mesorregiões do Pará.....	13
Figura 3 – Municípios da RMB.....	14
Figura 4 – Localização do município de Belém no Pará.....	15
Figura 5 – Bairros do município de Belém.....	16
Figura 6 – Mapa de Geomorfologia da porção sul da cidade de Belém.....	17
Figura 7 – Bacias Hidrográficas de Belém na porção sul do município.....	19
Figura 8 – Belém em 1773.....	20
Figura 9 – Planta de Belém da 1ª Léguas Patrimonial, 1889.....	22
Figura 10 – Cinturão institucional.....	25
Figura 11 – Processo de produção do espaço urbano em Belém.....	26
Figura 12 – Bairros de Belém com maior risco de inundações.....	29
Figura 13 – Aglomerações subnormais (favelas) no município de Belém.....	30
Figura 14 – Estrutura Urbana da Região Metropolitana de Belém.....	33
Figura 15 – Ocupação do solo de Belém e Região Metropolitana em 2006.....	36
Figura 16 – Aglomerações subnormais na porção sul do Município.....	40
Figura 17 – Mapeamento das ruas do Jurunas.....	44
Figura 18 – Renda Média de Belém no ano de 1991.....	56

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO 1: TEORIZAÇÃO DO TEMA</b> .....	3
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO.....	3
1.2 JUSTIFICATIVA.....	3
1.3 OBJETIVO GERAL.....	4
1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	4
1.5 REFERENCIAL TEÓRICO.....	5
1.6 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	8
<b>CAPÍTULO 2: BELÉM</b> .....	11
2.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO MUNICÍPIO .....	11
2.2 CARACTERÍSTICAS NATURAIS E ÁREAS DE BAIXADA .....	17
2.3 CONTEXTO HISTÓRICO E PROCESSO DE URBANIZAÇÃO .....	20
2.3.1 A implantação do Cinturão Institucional.....	22
2.3.2 Favelização belenense .....	27
2.4 CONFIGURAÇÃO URBANA ATUAL.....	31
<b>CAPÍTULO 3: JURUNAS</b> .....	37
3.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO BAIRRO.....	37
3.2 OCUPAÇÃO E URBANIZAÇÃO JURUNENSE.....	38
3.3 A PERIFERIA CENTRAL DO JURUNAS.....	45
3.4 PORTAL DA AMAZÔNIA .....	46
3.5 MELHORIAS ESTRUTURAIS DO JURUNAS .....	48
3.6 VALORIZAÇÃO CULTURAL .....	52
3.7 VALORIZAÇÃO IMOBILIÁRIA.....	55
<b>CAPÍTULO 4: IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS NO JURUNAS</b> .....	59
4.1 QUALIDADE DE VIDA DOS MORADORES.....	59
4.1.1 Entrevistas .....	59
4.1.2 Análise das entrevistas .....	63
4.2 AS MUDANÇAS SOCIOECONÔMICAS PROVOCADAS PELA CONSTRUÇÃO DO PORTAL DA AMAZÔNIA .....	65
4.3 OS IMPACTOS INFRAESTRUTURAIS COM A INAUGURAÇÃO DO PORTAL DA AMAZÔNIA .....	65

4.4 O PORTAL DA AMAZÔNIA COMO AGENTE TRANSFORMADOR .....	69
<b>CONCLUSÕES .....</b>	<b>71</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>73</b>

## INTRODUÇÃO

A localização geográfica onde se situa a capital do Pará foi previamente planejada para ocupação pelo ponto de vista político-militar, com o intuito de ser uma proteção territorial do Brasil, já que o país se via constantemente ameaçado por invasões estrangeiras no período em que ainda era colônia de Portugal, principalmente na região amazônica.

Localizada no encontro do rio Guamá com a baía de Guajará, Belém foi inaugurada em janeiro de 1616, sendo ocupada e adensada demograficamente com o passar do tempo. Após a construção do Forte do Castelo, a expansão urbana foi contínua até chegar ao limite físico permitido e conseqüentemente ao estrangulamento da malha urbana (à beira da orla do rio Guamá e baía de Guajará).

O problema dessa expansão, é que a região possui muitas áreas alagadiças por ser dentro da região amazônica, tornando difícil a habitação adequada em diversas localidades. Hoje, as cotas mais altas da cidade são as mais adensadas, verticalizadas e exploradas economicamente, já que são as melhores partes da capital para residir e construir.

Do ponto de vista geográfico, na tentativa de entender como se configura a organização da capital em uma das periferias, o trabalho tem como foco o bairro do Jurunas, que é uma região de baixada e se localiza muito próximo ao centro da cidade. A região foi escolhida por ser uma localidade com processo de urbanização diferente de outros grandes núcleos urbanos.

O Jurunas, por ser localizado em área alagadiça, foi sendo ocupado pela população que não tinha condições de se manter nas áreas mais altas, ou seja, por aqueles que tinham baixa renda. Nesse sentido, com a população sendo predominantemente pobre, a região sendo inadequada para ocupação e não tendo havido políticas públicas eficientes na localidade durante muito tempo, o Jurunas surgiu se configurando como um bairro de periferia.

A complexidade se dá no fato do local ser muito próximo ao centro da cidade. Fazendo fronteira com a Cidade Velha, que é um dos bairros mais antigos da capital, com Batista Campos, um dos mais nobres, e com Condor, também característico de baixada e

periférico, o Jurunas assumiu uma dupla problemática: ao mesmo tempo em que tem caráter de periferia distante, pobre e desestruturada, também é central e faz parte da historicidade da capital.

A periferia central do bairro o impulsionou a ser englobado como parte da região histórica central, à medida que os espaços foram se tornando cada vez mais escassos e a até então periferia se apresentava como um importante local de novos investimentos e uma possível solução diante da escassez de espaços na bolha central de Belém.

Dentro desse contexto, o projeto do Portal da Amazônia, que previa uma orla contornando Belém, com espaços para lazer e shows, começou a ser implementado em 2005. O local escolhido foi o Jurunas. A partir daí, o bairro sofreu mudanças significativas, que modificaram toda a configuração urbana que até então se via estagnada ali. A construção do complexo foi um divisor de águas na qualidade de vida da população jurunense e na sua importância no contexto do bairro dentro da historicidade da capital como um todo, abrangendo tanto os aspectos infraestruturais e de melhorias nas condições de vida, quanto nos aspectos cultural, político e econômico, já que a região passou a ter uma nova concepção de uso dos espaços e territórios, além de estar mais valorizada.



## **CAPÍTULO 1: TEORIZAÇÃO DO TEMA**

### **1.1 PROBLEMATIZAÇÃO**

A situação atual da capital paraense, no que se refere à configuração urbana, se reflete no processo de desenvolvimento e nos obstáculos que encontrou devido ao intenso crescimento e expansão que sofreu e continua a sofrer, desde a época de sua fundação.

Não obstante ao problema geral de falta de áreas de expansão da cidade, o bairro do Jurunas é um dos afetados nesse quesito. Apesar de ser geograficamente central e culturalmente tradicional, o local é tido como área periférica principalmente por ser uma área de baixada, criando uma situação dicotômica.

Tomando esse fato como pressuposto, a problematização dessa pesquisa consiste em saber: Como o processo de urbanização, em uma perspectiva geográfica, se reflete na valorização do Jurunas, tendo como principais fatores condicionantes o aspecto físico do bairro (terrenos alagadiços) e a construção do Portal da Amazônia?

### **1.2 JUSTIFICATIVA**

Belém é uma importante metrópole da região norte brasileira. Sua configuração urbana, dotada de grande densidade demográfica, intensa urbanização com grandes edifícios, fluxos de comércio, fortes elementos histórico-culturais, presença de porto e indústrias, por exemplo, lhe dão esse caráter.

A importância desse tema, portanto, se dá na compreensão da inter-relação de aspectos históricos, culturais e econômico-sociais, dentro de um contexto espacial, os quais moldam a capital do Pará e criam um mercado imobiliário de intensas disputas até mesmo no que pode ser denominado como área de periferia, como é o caso do Jurunas, enquanto que, ao mesmo tempo, e conseqüentemente tornando-se um elemento importantíssimo na configuração

urbana, a cidade enfrenta dificuldades para se desenvolver por causa das condições físicas locais, que a limitam e são, em muitas áreas, impróprias para ocupação e uso do solo.

Nesse sentido, a justificativa desse trabalho consiste em compreender a forma como a cidade lida com os limites de expansão, como ela conseguiu continuar se desenvolvendo tendo que se adequar a esse fato e como a valorização do Jurunas se apresenta sobre isso atualmente num sentido político, econômico, social, e geográfico, especialmente depois da construção do Portal da Amazônia.

### **1.3 OBJETIVO GERAL**

O objetivo geral da pesquisa consiste em caracterizar elementos históricos, econômicos, sociais, políticos e naturais que condicionaram o uso do espaço, a formação urbana, a especulação imobiliária e as valorizações no bairro do Jurunas antes e após a construção do Portal da Amazônia, no município de Belém ao longo de sua história.

### **1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Analisar os processos históricos e socioespaciais de expansão e urbanização do município de Belém.
- Evidenciar as áreas de baixada como importantes áreas de impacto no processo de urbanização.
- Observar os diferentes tipos de uso das áreas de baixada ao longo do tempo e a sua inserção na valorização do solo e das atividades imobiliárias.
- Compreender de que forma as limitações das características físicas da cidade contribuem para diferentes formas de expansão, urbanização, valorização do uso do espaço e sua distribuição ao longo do município.

- Salientar as diferenças de valorações, valorizações e infraestrutura no Jurunas antes e depois da construção do Portal da Amazônia.

## 1.5 REFERENCIAL TEÓRICO

O processo de ocupação do solo e desenvolvimento urbano é diferente em cada região do planeta. Deve-se levar em conta aspectos históricos, econômicos, físicos, políticos, sociais e espaciais que condicionaram a urbe a se configurar de determinada forma. Nesse sentido, a inter-relação desses elementos é essencial para a compreensão das relações econômico-sociais que permeiam o meio urbano num contexto contemporâneo.

Para entender o processo de ocupação do espaço urbano, é necessário ter uma noção do que é espaço. Em uma definição geográfica, para Milton Santos, não é algo singular, e sim a interação de diversas relações:

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares (SANTOS, 1986, p. 122).

Para Milton Santos (1986, p. 145), o espaço tem certa autonomia na sua organização, que se manifesta por meio de leis próprias, assim como as demais estruturas sociais. Isso não significa que o espaço dependa exclusivamente da estrutura econômica, mas há outras interferências, como a modificação das relações entre as forças produtivas e das relações de produção no espaço total. No caso de Belém, a criação do porto no centro e a intensa atividade industrial, foram os principais fatores da configuração urbana e crescimento da cidade.

O uso do espaço necessariamente pede a apropriação do solo. Num contexto capitalista e industrial, a demanda pela ocupação do solo se torna cada vez maior à medida que os espaços vão sendo utilizados, nas suas diversas formas, para suprir as necessidades na superfície terrestre, pelos humanos que ali o ocupam:

O solo é a extensão concreta, a parte propriamente espacial – se assim se pode dizer – do espaço. A superfície na qual se inscreve a ocupação humana sob suas diversas formas. A sua utilização é, assim, simultaneamente, rígida, sob certos aspectos e evolutiva em função de outros critérios; pode ser traduzida numa série de mapas (natureza do povoamento, localização de funções...), é um bem que pode ser vendido e comprado, dividido, utilizado de cem mil maneiras, mas que não se pode transportar nem reproduzir. A distribuição dos diferentes modos de ocupação é a resposta a vários dados que não são justapostos e independentes, mas, pelo contrário, intimamente interdependentes e ligados por relações sistêmicas e cujo resultado se traduz de modo muito complexo, por aspectos financeiros (BEAUJEU-GARNIER, 1997, p. 72).

Ou seja, a produção do espaço depende do objetivo coletivo a que se almeja alcançar, levando em conta os aspectos sociais e econômicos locais. A cidade é o produto das atividades e meios de produção de determinado local, é o lugar da divisão econômica e social do trabalho dentro do processo produtivo na sociedade e é também um elo na divisão espacial do trabalho na totalidade do espaço, podendo ser em âmbito local, regional, nacional ou internacional (CARLOS, 1994, p. 37). Nesse sentido de produção, de acordo com Milton Santos,

O homem começa a produzir quando, pela primeira vez, trabalha junto com outros homens em regime de cooperação, isto é, em sociedade, a fim de alcançar os objetivos que haviam antecipadamente concebido, antes mesmo de começar a trabalhar. A produção é a utilização consciente dos instrumentos de trabalho com um objetivo definido, isto é, o objetivo de alcançar um resultado preestabelecido (SANTOS, 1986, p. 163).

Durante o século XX as cidades se transformaram ao se apropriar do espaço, principalmente por causa do modo de produção capitalista. A utilização dos instrumentos de trabalho se transforma em um resultado, como enaltece Milton Santos. A principal percepção nas cidades contemporâneas é a de que essa transformação tem desenvolvido morfologias perversas como as favelas, cortiços e novas tipologias construtivas, como os condomínios verticais e horizontais (PEREIRA, 2009, p. 88).

A cidade de Belém assumiu um desenvolvimento modelado, em parte, pelos aspectos físicos da região, que aliado ao padrão socioeconômico e os interesses industriais, deu forma ao que é hoje, uma metrópole densificada.

Dentro da concepção capitalista, é natural definir uma noção de centro-periferia na urbanização de cidades e atribuir valores urbanos a aspectos históricos e culturais que foram construídos ao longo da historicidade local.

Motta e Pêgo (2013) elucidam Corrêa quando dizem que:

Segundo Corrêa (1979), a existência de áreas cristalizadas a partir da inércia, caracteriza certos usos da terra que aparecem como não racionais. Outras vezes, porém, fazem parte dos valores ou símbolos da própria história da cidade. É o caso, por exemplo, de ruas, bairros e prédios, considerados como patrimônios históricos. Podem também representar a imposição de sentimentos, símbolos ou valores dominantes que passam a ser difundidos e aceitos como de toda a população. (MOTTA; PÊGO, 2013, p. 514).

Seguindo o pensamento de Corrêa, cabe ressaltar que Belém sofre grande influência não só de atributos físico-econômicos como presença de porto, fluxo de comércio, centros administrativos, altos terrenos e etc., mas também de grande simbolismo cultural. Na bolha central, concentram-se diversos elementos que fazem parte da construção histórica da cidade, e que, portanto, moldam a forma de desenvolvimento urbano daquela área. Alguns exemplos são o Forte do Castelo, o mercado do Ver-O-Peso, a Estação das Docas, Praça do Relógio, Largo da Sé, Praça da República, Basílica da Nossa Senhora de Nazaré e Praça Batista Campos.

Aliados a esses elementos que compõem grande importância cultural e atribuem valor ao espaço, surgem as atividades econômicas, entre elas as imobiliárias, as quais disputam o uso do espaço principalmente ao redor dessas localidades e criam uma valorização cada vez maior.

Nesse sentido, é importante que se tente enaltecer os aspectos históricos, econômicos, naturais, culturais e sociais que culminaram para o surgimento da capital paraense naquela região, chegando à atual configuração, tendo como princípio a formação urbana nas diversas áreas da cidade.

Dentro de um contexto de ocupação, para Trindade Jr. (1997, p. 111), o solo não pode ser dissociado do processo de habitação. O autor cita Harvey, quando diz que:

Na abordagem de Harvey (1980), esses elementos possuem uma caracterização especial enquanto mercadorias. Ambos têm localização fixa, o que implica em privilégio de monopólio às pessoas que têm direito de determinar o uso nessa localização; são indispensáveis para qualquer indivíduo; mudam de proprietário relativamente com pouca frequência; o solo é algo permanente e a probabilidade de vida de suas benfeitorias é, muitas vezes, considerável; a troca no mercado ocorre em um momento do tempo, mas o uso pode estender-se por um longo período de tempo; são mercadorias de usos bastantes diferenciados e numerosos e que não são mutuamente exclusivos para o usuário.

O solo é um dos principais agentes da espacialização, e o seu uso não é estático. A intensa troca de valorações e essa carga de movimento lhe dão o aval de ser valorizado, já que a disputa pelo uso é iminente à medida que a demanda começa a se tornar maior que a oferta.

Dessa forma, podemos dizer que a forma de delineamento urbano determinará como a sociedade se comporta dentro de uma concepção de uso do solo e dos espaços, e como ela os utiliza na sua configuração.

## **1.6 METODOLOGIA DE PESQUISA**

A metodologia de pesquisa do seguinte trabalho consistirá em algumas etapas.

- 1) Identificação das localidades estruturais de Belém: Nessa etapa serão evidenciados onde se localizam as principais formas estruturais da cidade, entre eles o Centro histórico, a área comercial e industrial, área residencial, localidades de classe média alta e baixa até mesmo dentro do bairro do Jurunas.
- 2) Saturação e ocupação da periferia: Na etapa seguinte, será observado como o processo de urbanização das cotas altas culminou na ocupação e adensamento das áreas menos favoráveis à ocupação do solo, entre elas, o Jurunas.

- 3) A inclusão do Jurunas na área central: diante da bolha de crescimento urbano, o bairro passou a ser englobado, tanto geograficamente, quanto culturalmente, na centralidade da cidade, passando a ser tanto uma área de periferia, quanto de região central.
- 4) O desenvolvimento das atividades imobiliárias e da estruturação do Jurunas: analisaremos o processo atual no qual o bairro se encontra, de disputa dos espaços e de melhorias de estruturação urbana, tendo como marco a construção do Portal da Amazônia.
- 5) Entrevistas: Foram efetuadas entrevistas informais com moradores locais, a fim de complementar a análise com uma visão concentrada dos que residem ali. Entre os questionamentos feitos, estavam:
  - A quantidade de moradores na residência;
  - Os relatos sobre a frequência de incidentes na rua em que moram e proximidades (alagamentos, incêndios e outros);
  - A condição estrutural da residência (se há abastecimento de água e esgoto);
  - Se a casa é própria, alugada ou está em condição irregular;
- 6) Resultados: a fim de determinar o quão importante o bairro do Jurunas é hoje para a cidade de Belém, concluiremos a pesquisa a partir dos comparativos das valorizações de uso da área antes e depois do Portal, bem como a importância da infraestrutura urbana no bairro, aliada ao tradicionalismo cultural do local.

Fotos: construções histórico-culturais em Belém

Foto 1: Teatro da Paz



Fonte: SouParaense.com, 2010

Foto 2: Mercado do Ver-O-Peso



Fonte: Frenesi Cultural, 2011



## **CAPÍTULO 2: BELÉM**

### **2.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO MUNICÍPIO**

O trabalho tem como foco o bairro do Jurunas, localizado na área urbana do município de Belém, capital e cidade mais populosa do estado do Pará, este localizado na Região Norte do Brasil.

O Pará é atualmente o segundo maior estado do país em extensão territorial, com 1.247.954,666 km<sup>2</sup> e população de aproximadamente 7,6 milhões de habitantes, sendo o 9º mais populoso do Brasil (IBGE, 2010). O estado perde, em grandiosidade, apenas para o Amazonas, que tem 1.559.148,890 km<sup>2</sup>. Mas a população daquele estado é menor, com quase 3,5 milhões de habitantes, de acordo com o último Censo (IBGE, 2010).

O Pará é cortado, ao norte, pela linha do Equador, região de alta umidade relativa do ar e temperaturas constantemente elevadas, caracterizando o estado predominantemente como de clima equatorial úmido<sup>1</sup>.

A configuração territorial atual do estado conta com 144 municípios, alguns com grande extensão territorial, como é o caso de Altamira, que se configura como o maior município do Brasil na atualidade, e um dos maiores do mundo, estendendo-se por 159.533,255 km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

Figura 1: O estado do Pará



Fonte: Baixar mapas, 2014

Apesar da grande extensão territorial, a maior parte da população paraense concentra-se nas mesorregiões Nordeste Paraense, Sudeste Paraense e Metropolitana de Belém, que juntas somam quase 6 milhões de habitantes, ou seja, concentram pouco menos de 80% da população, sendo a Metropolitana de Belém onde se localiza o município de Belém, capital do estado. As maiores cidades paraenses, excetuando-se a maior delas, a capital, são: Ananindeua, com 471.980 habitantes, conurbada à Belém; Santarém, com 294.580, localizada na mesorregião do Baixo Amazonas; e Marabá, com 233.669 habitantes, situada no Sudeste Paraense (IBGE, Censo 2010).

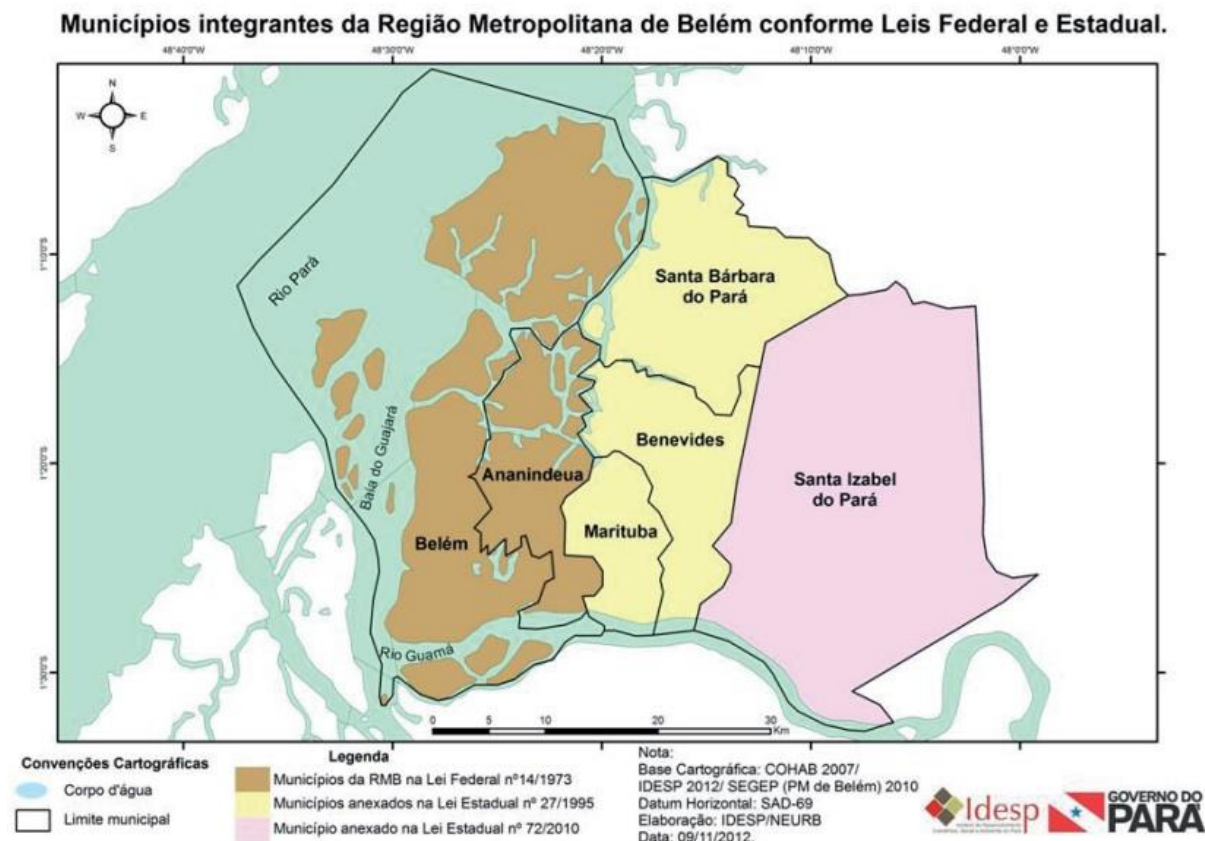
Figura 2: Mesorregiões do Pará



Fonte: Baixar Mapas, 2014

De acordo com o IBGE (Censo 2010), a população da capital paraense era de 1.393.399 habitantes no ano de 2010, concentrados em uma área territorial de 1.059,406 km<sup>2</sup> e densidade demográfica de 1.315,26 hab/km<sup>2</sup>, dando-lhe o título da 15<sup>a</sup> capital mais densamente povoada do país. A região metropolitana engloba seis municípios: Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Izabel do Pará, Castanhal e Santa Bárbara do Pará, que juntos (incluindo Belém) saltam para 2.381.661 habitantes (IBGE, 2014). Desses, há a presença de uma conurbação, aglomerando a área urbana dos municípios de Belém, Ananindeua e Marituba.

Figura 3: Municípios da RMB



Fonte: IDESP, 2012

Segundo a Prefeitura de Belém, o município dispõe oficialmente de 28 ilhas, 71 bairros e 8 distritos administrativos (SEGEP, 2010).

Situada no encontro do Rio Guamá com a Baía de Guajará, Belém está localizada em uma baixa região de intensos afluentes fluviométricos com solos alagadiços, e, por esse motivo, (além da limitação da baía com o rio), poucas são as áreas que a cidade tem a possibilidade de se expandir adequadamente.

Por ter limites de expansão, a capital se expandiu em direção contínua nordeste, criando uma conurbação com os municípios da Região Metropolitana, principalmente com Ananindeua, tornando-a predominantemente uma cidade-dormitório em relação à capital.

Figura 4: Localização do município de Belém no Pará



Fonte: Wikimedia Commons (TUBS), 2011

A parte mais ocupada e verticalizada de Belém se localiza ao sul do município, que foi onde o processo de urbanização se iniciou. Se fizermos um traçado imaginário, podemos dizer que os bairros que beiram o rio Guamá, ao sul, “subindo” até a altura do bairro Val-de-Cães, são os mais densamente povoados do município, além de serem mais históricos. Os demais bairros foram sendo ocupados à medida que a cidade foi se modernizando e se expandindo, tendo como marco temporal a década de 1980 e marco físico a construção da rodovia Belém-Brasília.

Figura 5: Bairros do Município de Belém



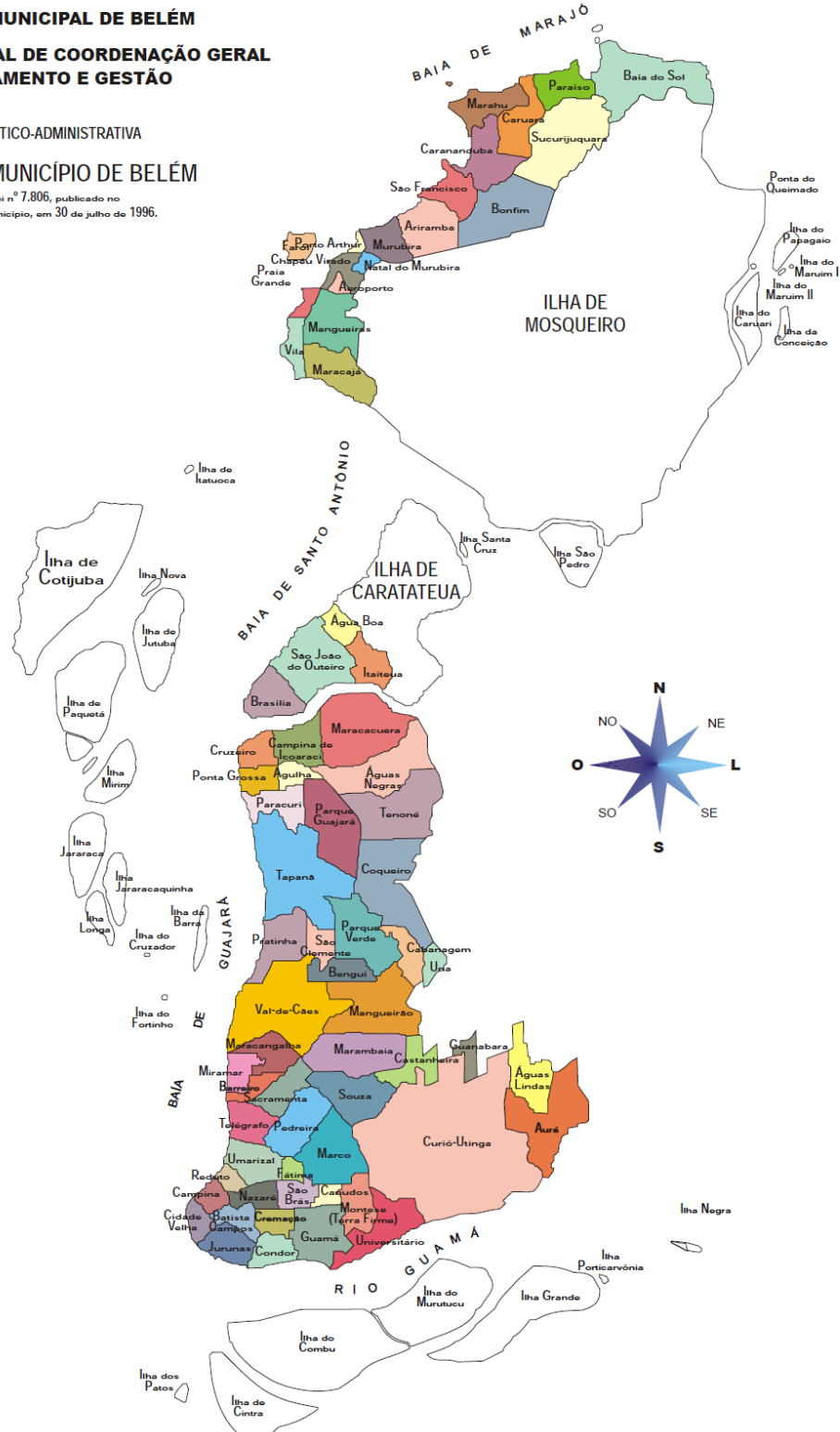
PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM

SECRETARIA MUNICIPAL DE COORDENAÇÃO GERAL  
DO PLANEJAMENTO E GESTÃO

DIVISÃO POLITICO-ADMINISTRATIVA

**BAIRROS DO MUNICÍPIO DE BELÉM**

Conforme Lei nº 7.806, publicado no  
Diário Oficial do Município, em 30 de julho de 1996.



Base cartográfica: Cadastro Técnico Multifinalitário - PMB

Fonte: Prefeitura Municipal de Belém, 2010

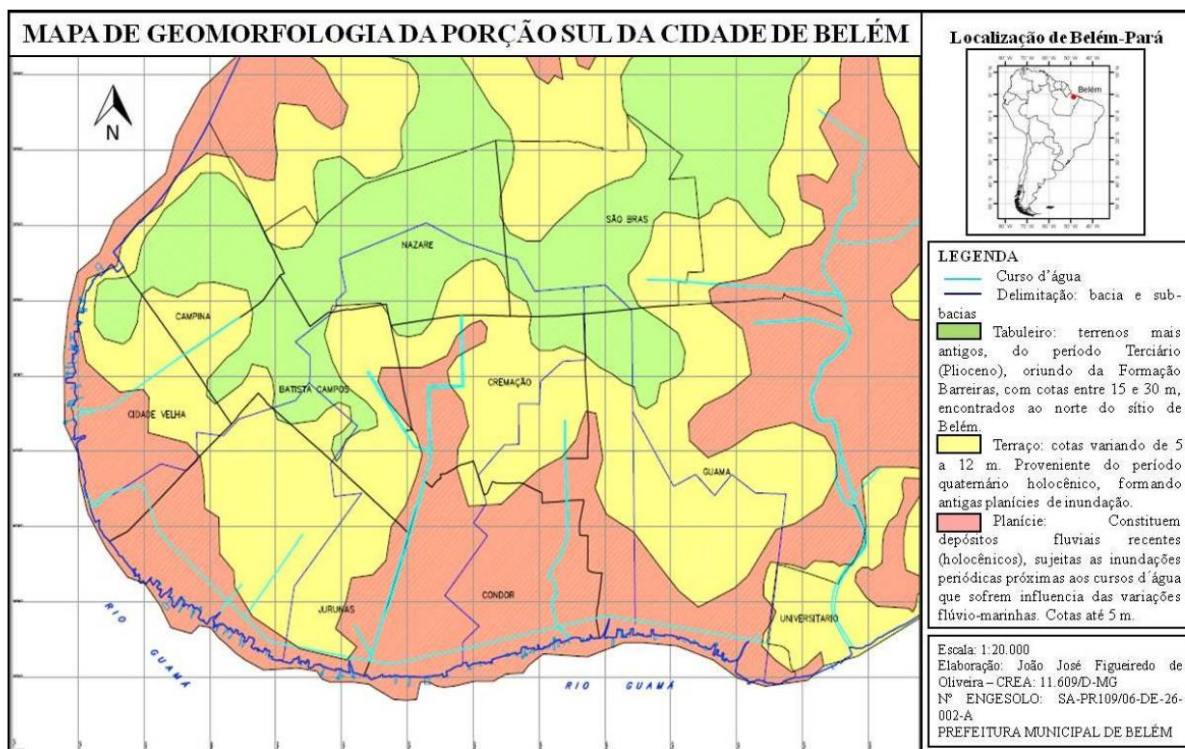


## 2.2 CARACTERÍSTICAS NATURAIS E ÁREAS DE BAIXADA

A região amazônica é conhecida como sendo de intensa biodiversidade, com muitos rios, 1,5 milhão de espécies vegetais catalogadas e por possuir a maior floresta equatorial do mundo (Disponível em: < <http://www2.ana.gov.br/Paginas/portais/bacias/amazonica.aspx>>). O solo típico da Amazônia é apresentado como pouco rico em nutrientes e de camada fina, contrariando a rica biodiversidade existente ali. Por a região ser limítrofe a uma baía e ser planície amazônica, nenhum outro fator faz com que o centro mais histórico da cidade de Belém ultrapasse mais do que 25 metros acima do nível do mar, no seu ponto mais alto.

Dessa forma, podemos entender porque a capital está em uma localidade baixa, de solos alagadiços. A região que vai de Belém até a Ilha de Marajó está na média de 6 a 15 metros, fazendo com que muitos solos sejam de várzeas. Os solos baixos em Belém são denominados como *baixadas* e podem ser caracterizados como unidades litoestratigráficas argilo-arenosas e areno-argilosas de um período mioceno-pleiocênico, proveniente de falhas normais e transcorrentes (ARAÚLO JR, 2013, p. 4).

Figura 6: Mapa de Geomorfologia da porção sul da cidade de Belém



Fonte: Antônio Carlos Júnior, 2013

As áreas de baixada são terrenos alagadiços que não ultrapassam a cota de 4 metros acima do nível do mar e, por isso, não são propícias a ocupação urbana por serem de potencial alagamento, sofrendo com enchentes, ausência de escoamento das chuvas e terem limitações de expansão (MOTTA; PÊGO, 2013).

Em Belém, a existência de habitações nesse tipo de setor é nítida principalmente ao redor da área central e verticalizada da cidade. Para Trindade Jr. (1997, p. 112), essa configuração urbana da capital paraense em áreas de baixada evidencia o processo de favelização, que é grande na cidade, por causa de três fatores:

- a) a implantação, em 1940, do “cinturão institucional” que provocou o estrangulamento da área mais densamente ocupada, funcionando como um bloqueio à expansão da cidade;
- b) o escasseamento e a valorização das terras altas, que obrigou a população de baixa renda a ocupar as áreas baixas;
- c) o célere crescimento populacional e o empobrecimento de grande parte da população, em especial imigrantes recém-chegados do espaço rural.

Nesse sentido, a área urbana do município de Belém vivenciou ao longo da história e vivencia atualmente constante atrito com adversidades do quadro natural, devido à sua localização geográfica.

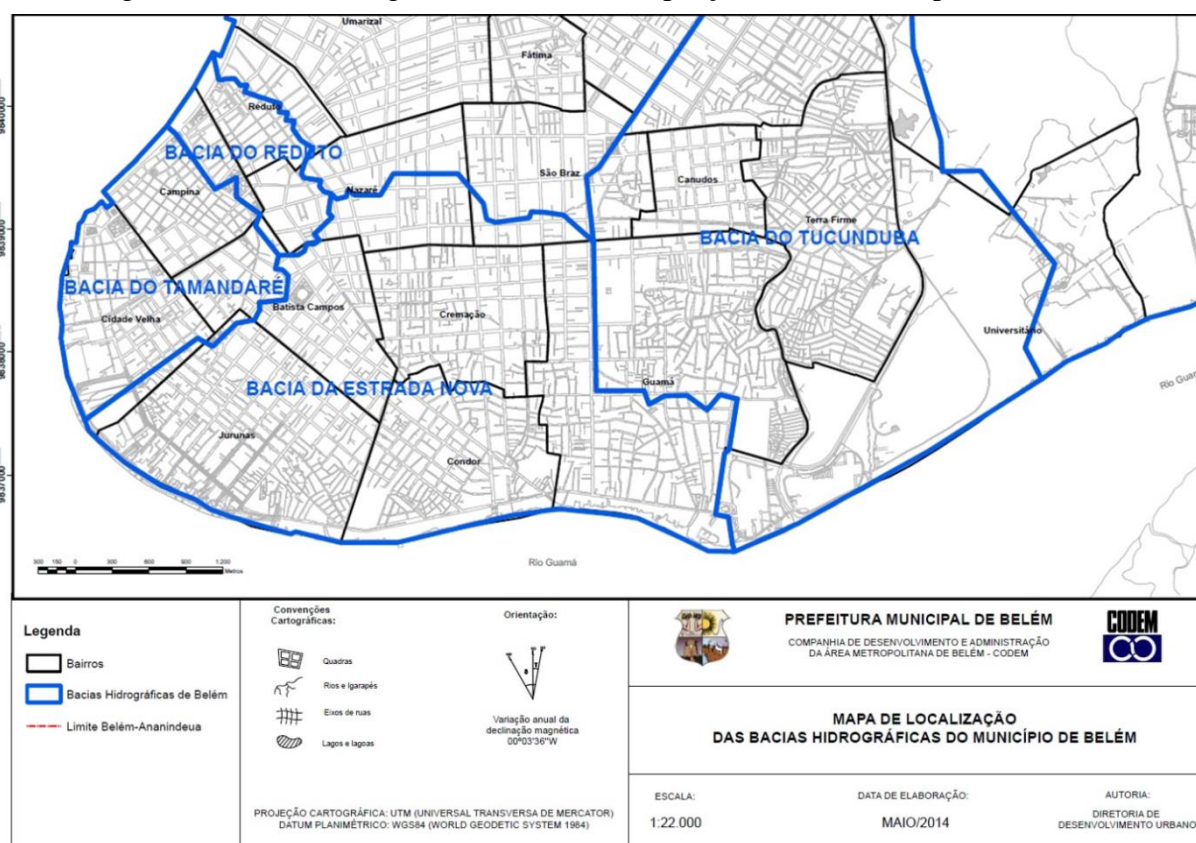
Além da questão equatorial amazônica, com afluentes fluviométricos e terrenos argilosos-alagadiços, a capital do Pará dispõe de diversas bacias hidrográficas, por esse motivo a verticalização se torna inviável nas áreas mais baixas e a paisagem das edificações é de predominância horizontal. Não há como fazer fundações para construções pesadas, já que o solo não é rígido.

Por bacia hidrográfica entende-se como a área a qual ocorre captação de água, ou drenagem, que por sua vez desembocará num rio maior principal e seus respectivos afluentes (FARIA, 2006: Disponível em: <<http://www.infoescola.com/hidrografia/bacia-hidrografica/>>).

Oficialmente, estão registradas 14 bacias que cortam a capital e desembocam no Rio Guamá e Baía de Guajará (CODEM, 2010). No bairro do Jurunas, a bacia da Estrada Nova faz-se presente no local, além de englobar os bairros Cremação, Condor e parte do Guamá, Nazaré, São Brás e Batista Campos.



Figura 7: Bacias Hidrográficas de Belém na porção sul do município



Fonte: CODEM, 2014 (modificado por Erick Bastos)

A capital do Pará situa-se próximo à linha do Equador, sendo, portanto, dentro da região amazônica, com altos índices de umidade. A Amazônia é predominantemente quente e úmida. A geomorfologia dessa localidade desenha uma paisagem condensada de rios, intensa arborização, áreas de várzea, diferentes tipos de solos e vegetação arbustiva. Dessa forma, em se tratando de classificação climática, segundo Nascimento (1995, p. 47):

Por sua posição geográfica, Belém, segundo classificação de Köppen, pertence a categoria climática “equatorial úmido” do tipo Af, cujas características principais são: altas temperaturas (sempre acima de 18°), ventos de pouca velocidade intercalados com frequentes momentos de calmaria, altos índices de umidade relativa do ar e precipitações abundantes com totais oscilando entre 1500 e 3000 mm anuais.

Isso significa que além da cidade ser cortada por rios e ter áreas alagadiças, os índices de chuva são extremamente altos, o que só dificulta a situação dos terrenos baixos, que se apresentam constantemente como impróprios para ocupação e com tendências frequentes a alagamento.



O mapa acima nos mostra que sempre foi sabido que Belém era uma região com cotas baixas, e representada como uma região com áreas de potencial alagamento e de baixada. Havia, originalmente, uma área alagadiça devidamente representada no entorno das primeiras ruas da capital, a qual era denominada “Lago do Pará”, que posteriormente, ao longo da história da cidade, seria aterrada e ocupada.

No lado noroeste do que então era a cidade de Belém, localizava-se o canal do Piri, que originava a formação do Lago do Pará. Posteriormente esse canal sofreria ensecamento e daria lugar a uma paisagem urbana. Aterrou-se o Piri para dar lugar ao que hoje são traçados tradicionais e históricos de Belém, que atuam como um importantes símbolos da configuração urbana da capital.

A existência do Lago do Pará e do canal do Piri já foi relatada por diversos escritores. Retratando Meira Filho, Trindade Jr. (1997, p. 33) afirma que uma certa área baixa e alagada impedia o traçado urbano e portanto passou a dividir a cidade em dois bairros, um a oeste do Piri, o bairro da Cidade, onde se originou Belém; e outro a leste, o bairro da Campina, assim chamado por ter sido formado em terreno fora da Cidade. Dessa forma, denominavam-se os primeiros bairros de Belém: Cidade Velha e Campina.

Por ser um local de baixadas e áreas alagadiças, Belém sofria dificuldades de expansão adequada, conforme Trindade Jr. (1997, p. 32) reforça:

Com uma extensão ainda pequena e com uma reduzida densidade demográfica, Belém revelava, desde então, clara tendência de não ocupação das áreas alagadas ou alagáveis. A cidade expandia-se tendo em vista o aproveitamento dos terrenos de cotas mais altas. Não obstante, as condições do sítio urbano fizeram com que se cogitasse duas tentativas de mudança da capital para outros locais mais adequados. Isso devido o local onde foi fundada a cidade ser impróprio, em grande parte, às construções e à expansão urbana.

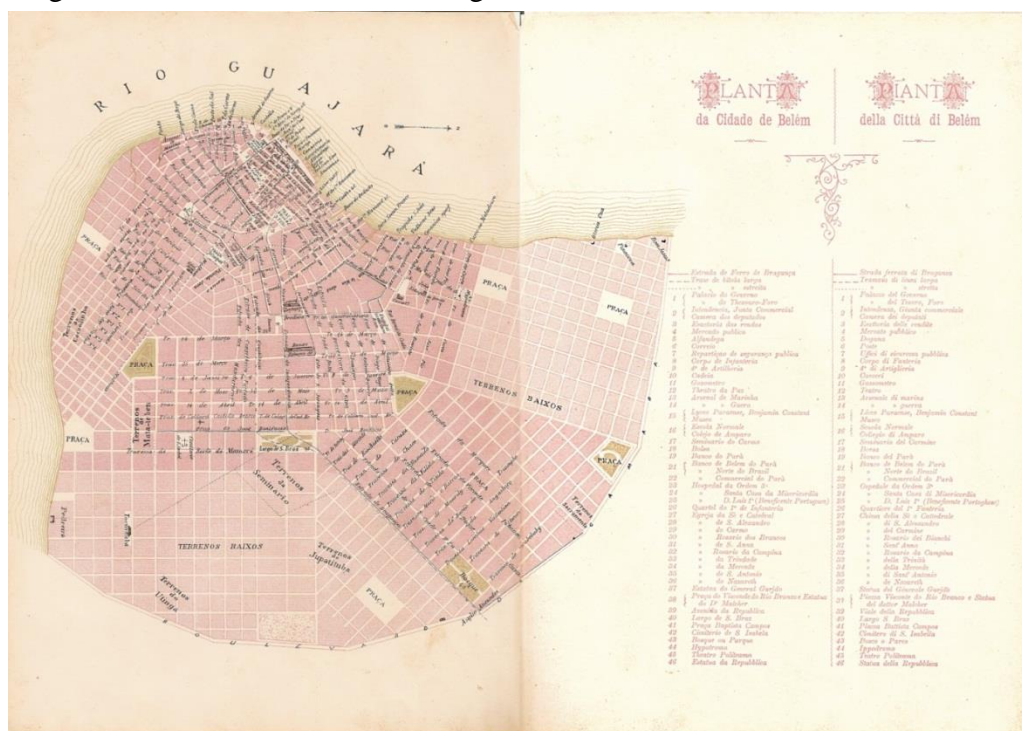
A solução para os problemas de ocupação de áreas alagadiças começou a ser pensada já em 1771, pelo Major e engenheiro Gaspar J. G. Gronfelts, membro da comissão demarcadora, responsável por estudar a topografia de Belém e seu processo de expansão. Em seu projeto, propunha que a cidade deveria se adequar aos elementos naturais, em vez de modificá-los à urbanização, a fim de embelezar a cidade utilizando os alagadiços do Igarapé das Almas e do Igarapé do Reduto, construindo canais que cortassem a cidade (Trindade Jr., 1997, p. 34).

O projeto de Gronfelts não foi efetivamente para frente, mas a ideia de implantar áreas naturais, como praças e bosques, além de locais de uso público, foi pensada. Contrariando a vontade de Gronfelts, a cidade passou a sofrer constantes processos de ensecamento e aterramento de solos para futura ocupação a partir do governo de D. Marcos de Noronha e Brito (ou o Conde dos Arcos), em 1803 (Trindade Jr., 1997, p. 35).

### 2.3.1 A implantação do cinturão institucional

O cinturão institucional foi mais um fator que acelerou o processo de ocupação de novas áreas, devido à saturação das já existentes. Por cinturão institucional entende-se a doação de parcelas de terras para órgãos públicos da cidade, como por exemplo, a prefeitura de Belém, a fim de implantar construções de uso coletivo, como escolas, hospitais e bibliotecas, tendo o propósito de garantir melhor qualidade de vida e bem estar social, modernizando a cidade. A área destinada ao cinturão em Belém era próxima e nos arredores da primeira Légua Patrimonial da cidade, que é a parte mais antiga do município, indo desde o Forte do Castelo, até o bairro do Marco. Esta área foi doada pela Coroa Portuguesa ao Conselho Municipal de Belém (PEREIRA, 2004, p. 2).

Figura 9: Planta de Belém da 1ª Légua Patrimonial, 1889



Fonte: Adrielson Furtado, 2010



A urbanização da cidade foi inicialmente planejada como um balanço entre concreto e natureza, uma tendência europeia, tendo como objetivo inicial a implantação de muitas praças e bosques, até mesmo em terrenos baixos, como mostra a planta acima, através do ensecamento de localidades que já eram encharcadas.

Além de a cidade ter tido como objetivo um crescimento moderno, com diversas instituições de uso público, a capital do Pará passou por um período de industrialização, o que impulsionou as atividades comerciais e o crescimento populacional. O porto da cidade foi construído às margens da Baía de Guajará e bairros como Reduto, Campina e Umarizal tornaram-se exclusivamente para uso industrial e comercial, por se localizarem próximos ao porto de Belém, principalmente o Reduto, que além da proximidade, utilizava o antigo canal Igarapé das Almas (hoje Doca de Souza Franco) como corredor de embarque e desembarque de cargas.

Foto 3: Igarapé das Almas em 1905



Fonte: Histórias Para Contar, 2012

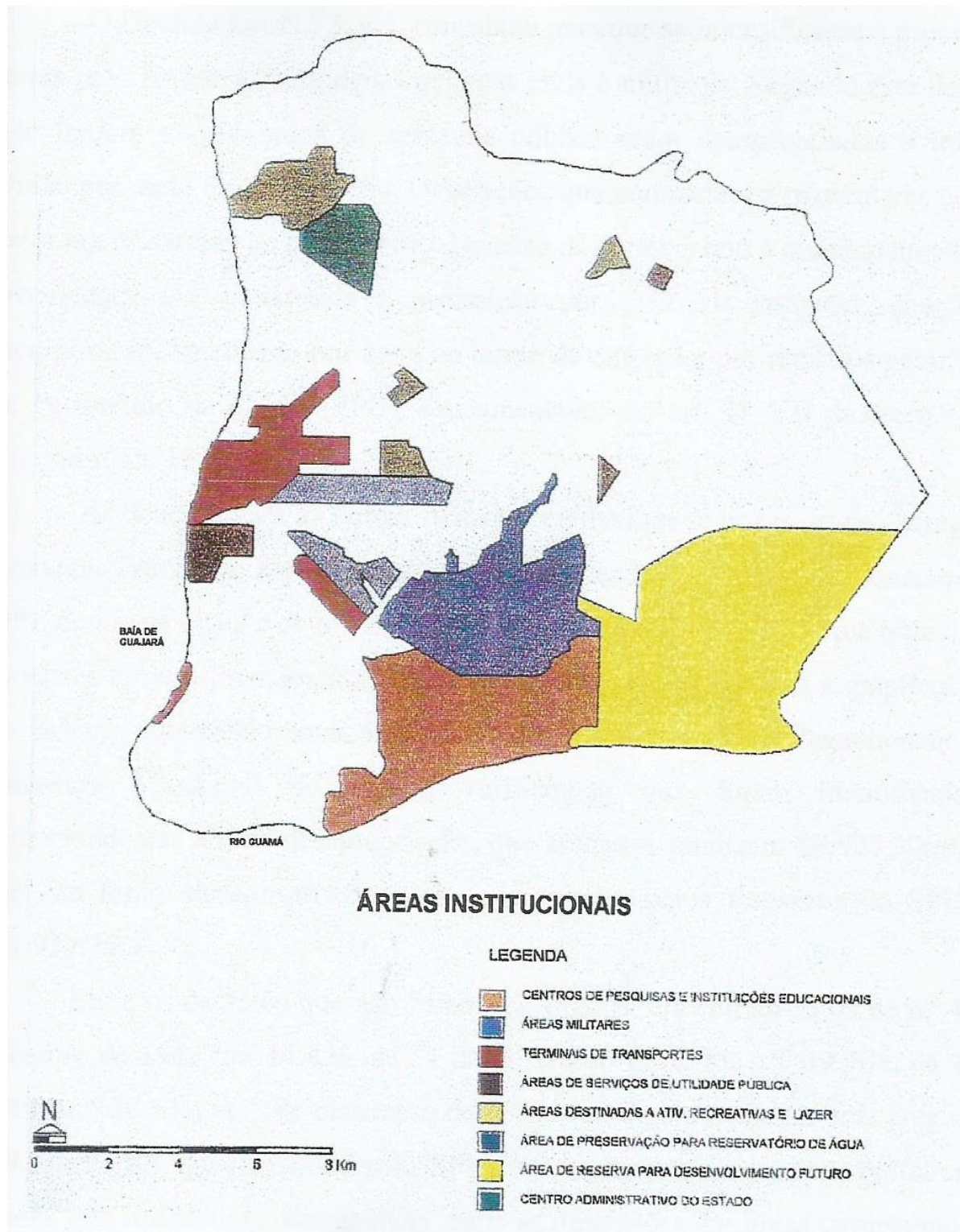
A situação industrial belenense chegou a tal ponto que houve até mesmo a emigração de habitantes do Reduto para outros bairros, em consequência da supervalorização do solo devido à sua localização. Inúmeras residências deram lugar aos imensos galpões e fábricas comerciais que ali se instalavam, alterando consideravelmente a paisagem urbana daquele bairro.

O movimento comercial passou a declinar, uma vez que o aterro feito pela *Port of Pará* afetou significativamente a faixa da área em contato com a baía. Desapareceu a Doca do Reduto, desviou-se a foz do Igarapé das Almas e desapareceram os trapiches das serrarias, das indústrias e das companhias de navegação. Com essas mudanças, o bairro do Reduto perdeu sua condição de bairro-mercado e sua tão conhecida feira desapareceu (PEREIRA, 2004, p. 78).

O ritmo frenético de produção industrial se intensificou principalmente pelo fato de Belém estar isolada geograficamente do resto do país e a cidade necessitar de produtos fabris. Dessa forma, a produção local garantiu o suprimento e comercialização de mercadorias até a década de 1960. A partir desse período, a industrialização de Belém começou a sofrer decadência, pois o município passou a se conectar com as demais regiões do país, com a construção da estrada Belém-Brasília.

Somando as áreas destinadas à criação de praças, parques e bosques com as de implantação do cinturão institucional e às de produção industrial, as localidades de cotas mais altas e privilegiadas se viram rapidamente saturadas e tomadas pelas construções urbanas, situação notória pela verticalização abusiva que se instalou na cidade. E com a população urbana crescendo em ritmo acelerado, impulsionada principalmente pelas atividades comerciais da região, a solução para resolver o *boom* populacional era inevitável: ocupar as áreas alagadiças, até então pouco exploradas, por não serem adequadas ao tipo de ocupação do solo que se necessitava naquele momento.

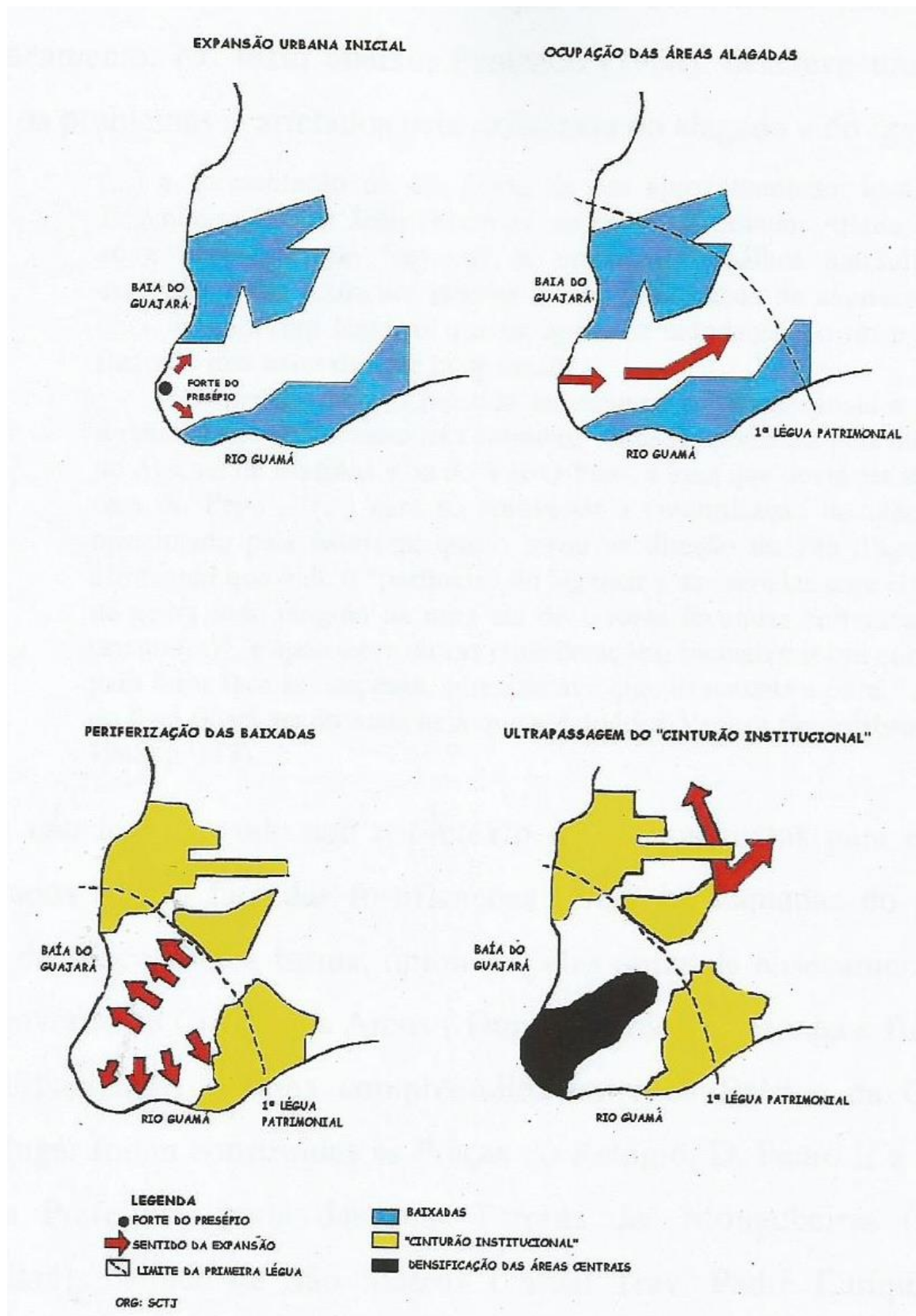
Figura 10: Cinturão Institucional



Fonte: Iacimary Pereira, 2004.



Figura 11: Processo de produção do espaço urbano em Belém



Fonte: Iacimary Pereira, 2004.



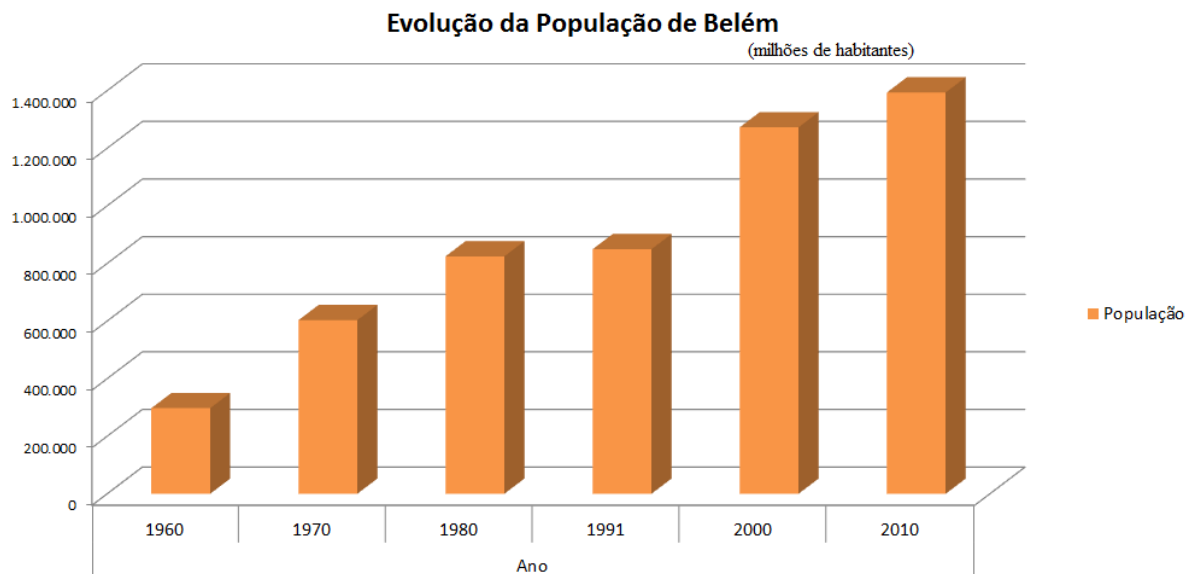
### **2.3.2 Favelização belenense**

Tomando como pressuposto o limite físico da cidade e a ocupação das baixadas, as pessoas que moram nas áreas de cotas com até 4 metros sofrem com frequentes inundações, já que os tipos de residências nessas localidades são deficientes, no sentido de terem estrutura e saneamento inadequados para habitação, fator impulsionado por sua população ser predominantemente de baixa renda.

Como os terrenos baixos eram impróprios para a densa ocupação humana, mas ao mesmo tempo necessários devido à saturação do restante da cidade, tais áreas processualmente passaram a ser povoadas, de modo não próprio, por aqueles que não tinham condições de se manter em regiões adequadas cada vez mais disputadas e valorizadas economicamente: a população de baixa renda, que crescentemente ocupava a cidade, vinda de diversas partes do meio rural e de outros estados, ajudados pela facilidade de acesso à cidade pela orla.

Com o aumento populacional e da demografia urbana de Belém, o deslocamento e ocupação das áreas de baixada passaram a ser intensificados principalmente a partir da década de 1970 pelas classes sociais mais baixas, que se viam obrigadas a sair das áreas altas e centrais para se apropriar ilegalmente de lotes baixos nas redondezas, por causa da grande valorização das terras altas que surgiam, em prol do déficit habitacional que se acentuava (PEREIRA, 2004). Ou seja, mesmo ainda em processo de ocupação, Belém já apresentava problemas de grandes núcleos urbanos saturados: a disputa pelo uso do solo e sua alta valorização.

Gráfico 1: Evolução da População de Belém



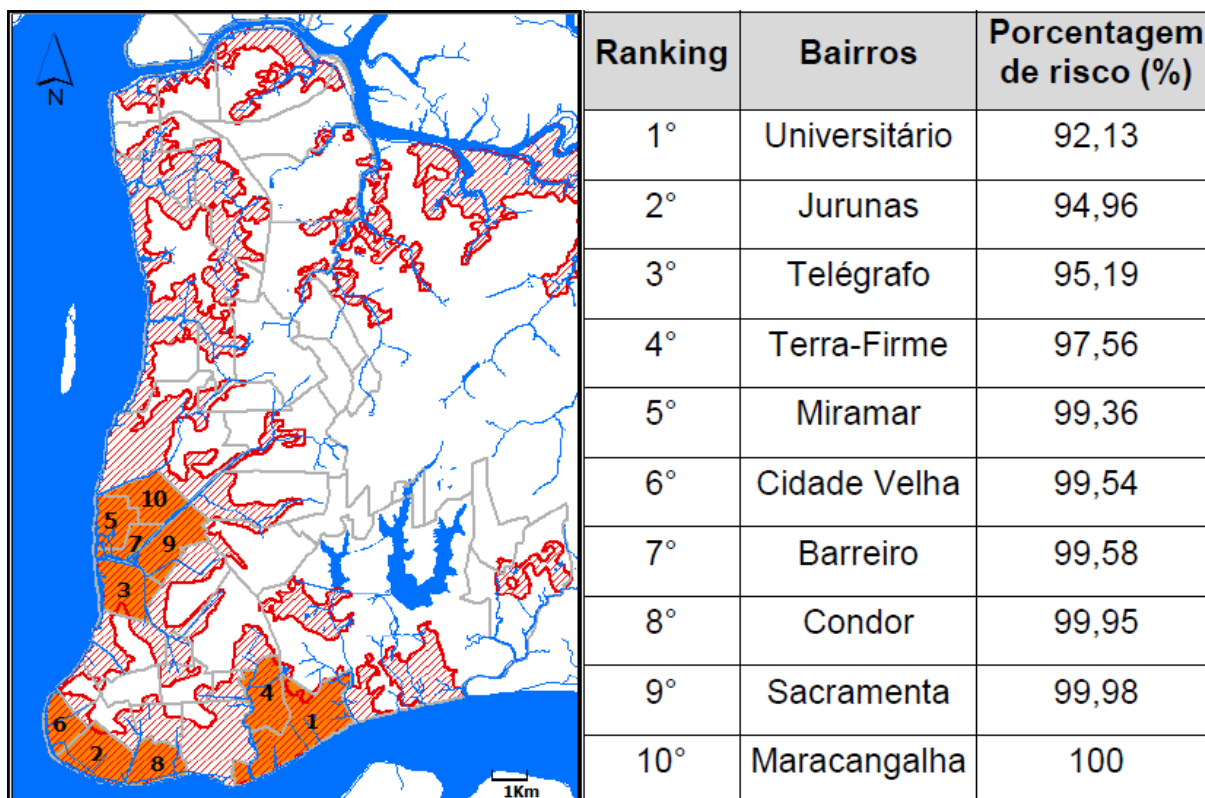
Fonte: IBGE / IPEA  
Elaboração: Erick Bastos

A ocupação irregular das terras baixas culminou num processo de favelização em Belém. A irregularidade dos lotes aliada à falta de planejamento em áreas de potencial alagamento configuram essas localidades como de frequentes inundações, assim definindo Pereira (2004, p. 94):

Nos bairros em que predominam as classes de menores rendas, os lotes não apresentam limites definidos, o que os caracterizam como favelas. Estes locais concentram cerca de 34% da população que apresentam os níveis de renda mais baixos. Quanto às habitações nas áreas alagáveis (baixadas), estão localizadas em terrenos encharcados ou alagados, diretamente implantadas sobre o solo, ou sobre palafitas (assoalho de madeira sobre as áreas alagadas, que servem de acesso às residências) quando a presença de águas é constante (PEREIRA, 2004, p. 94).

As bacias hidrográficas que cortam Belém caracterizam-na como sendo de muitas áreas alagadiças. A ocupação irregular dessas áreas, que se dá principalmente ao redor do Rio Guamá e da Baía de Guajará, envolve a parte central da cidade, criando uma paisagem de centro-periferia compactado e notoriamente irregular.

Figura 12: Bairros de Belém com maior risco de inundações



Fonte: Sadeck; Souza; Silva, 2012

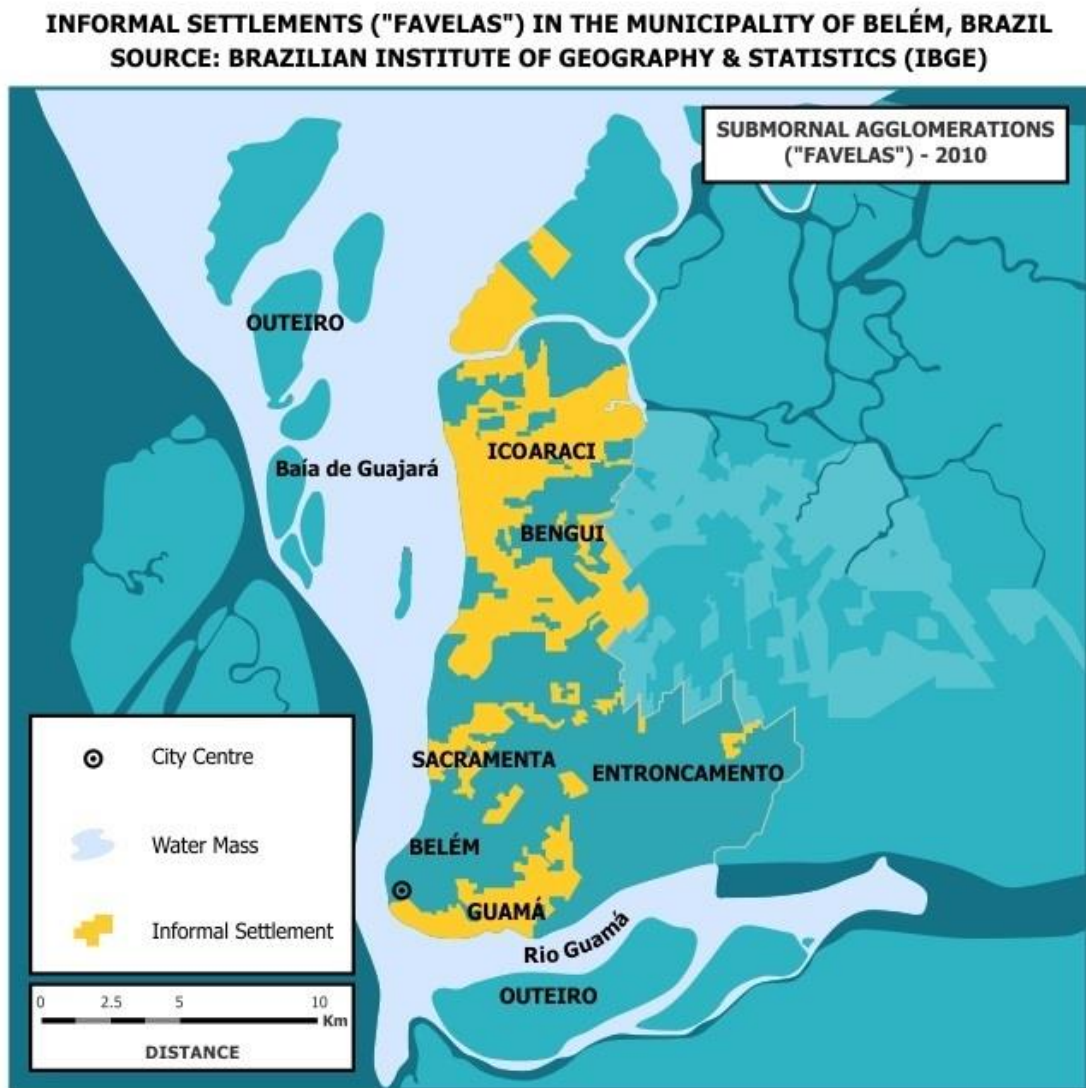
A ocupação desenfreada nos lugares de potencial alagamento, aliados a falta de planejamento e políticas sociais, acelerou o processo de favelização em Belém. Os lotes foram sendo ocupados sem nenhum limite ou definições mínimas, tanto de infraestrutura urbana, quanto de proteção ambiental.

De acordo com um estudo produzido a nível nacional (IBGE, 2012), o município encabeçou títulos de falta de infraestrutura urbana, em relação ao número de habitantes e residências, a saber:

- A capital mais favelada do país, com cerca de 54,5% da população vivendo em condições subnormais;
- Uma das cidades com maior falta de saneamento básico no país, atingindo 44,5% de localidades com lixo a céu aberto próximo a domicílios;
- Apesar de ser conhecida como a cidade das mangueiras, chegou ao topo do ranking como a metrópole brasileira menos arborizada, com apenas 22,4% do município coberto por árvores.

Os aglomerados subnormais, ou, as favelas, evidenciam em Belém uma segregação sócioespacial e econômica gritante. A cidade é tão condensada por conta das limitações de expansão e do terreno instável, que os bairros de classe média alta fazem fronteira com os de baixa renda e é notória a transição de uma localidade para outra, como é o caso do bairro Batista Campos em relação ao Jurunas, por exemplo.

Figura 13: Aglomerações subnormais (favelas) no município de Belém

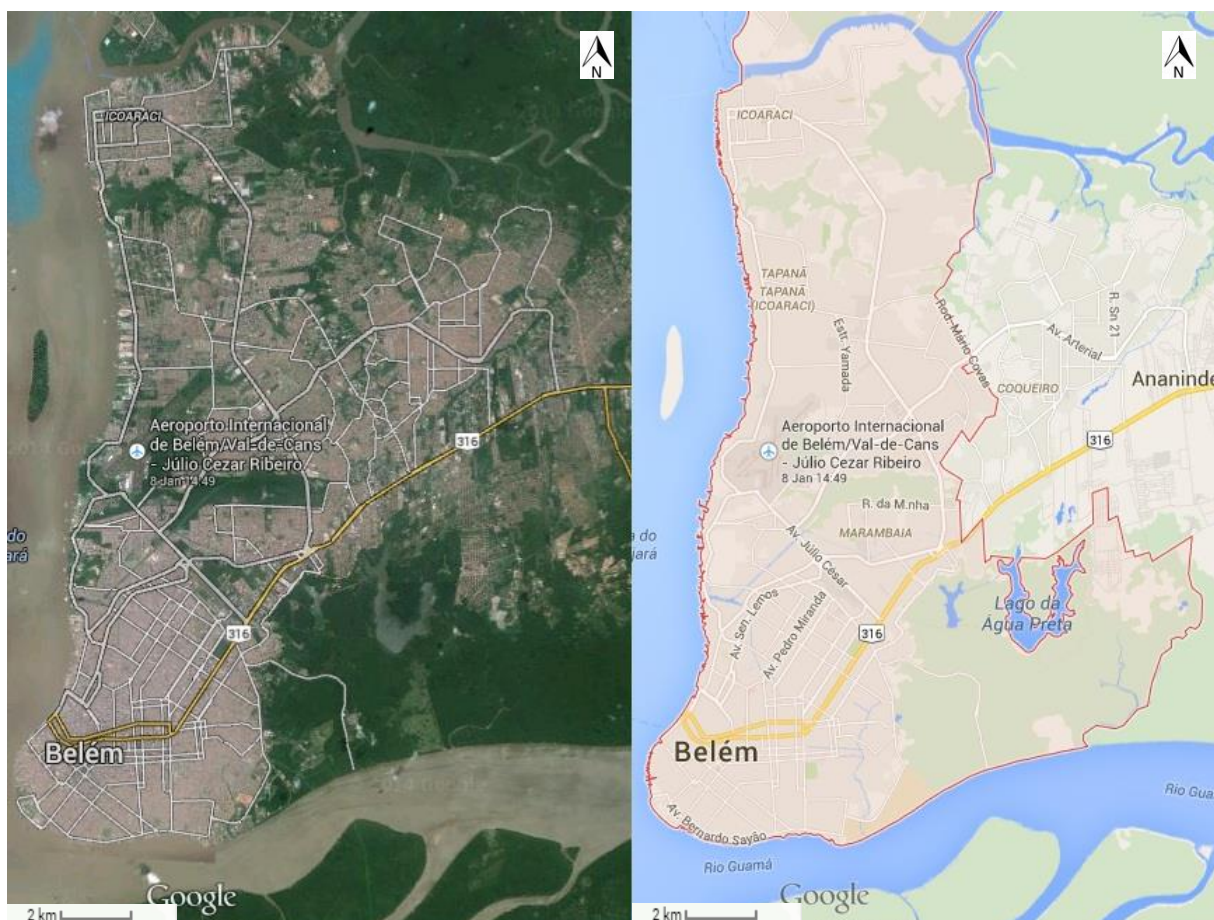


Fonte: IBGE, 2010

## 2.4 CONFIGURAÇÃO URBANA ATUAL

Tendo a condição física como pressuposto, Belém se transformou basicamente em uma capital com poucas áreas propícias à ocupação adequada e o processo de ocupação desordenado culminou em uma grande favelização, que se formou em torno da área central. A expansão urbana, primeiro esteve limitada à 1ª Léguas Patrimonial, mas a partir da década de 1980, extrapolou essa área e se expandiu em direção norte e nordeste, seguindo principalmente a BR-316, o que criou uma conurbação com o município de Ananindeua. Esse fato contribuiu para o entendimento do porquê a população belenense, apesar de se adensar, pouco aumentou os números nas estatísticas entre as décadas de 1980 e 1990: a população começou a se fixar na cidade vizinha, Ananindeua, e a utilizá-la como cidade-dormitório.

Imagem de satélite 1: delimitação e mancha urbana de parte do município de Belém e sua conurbação com Ananindeua



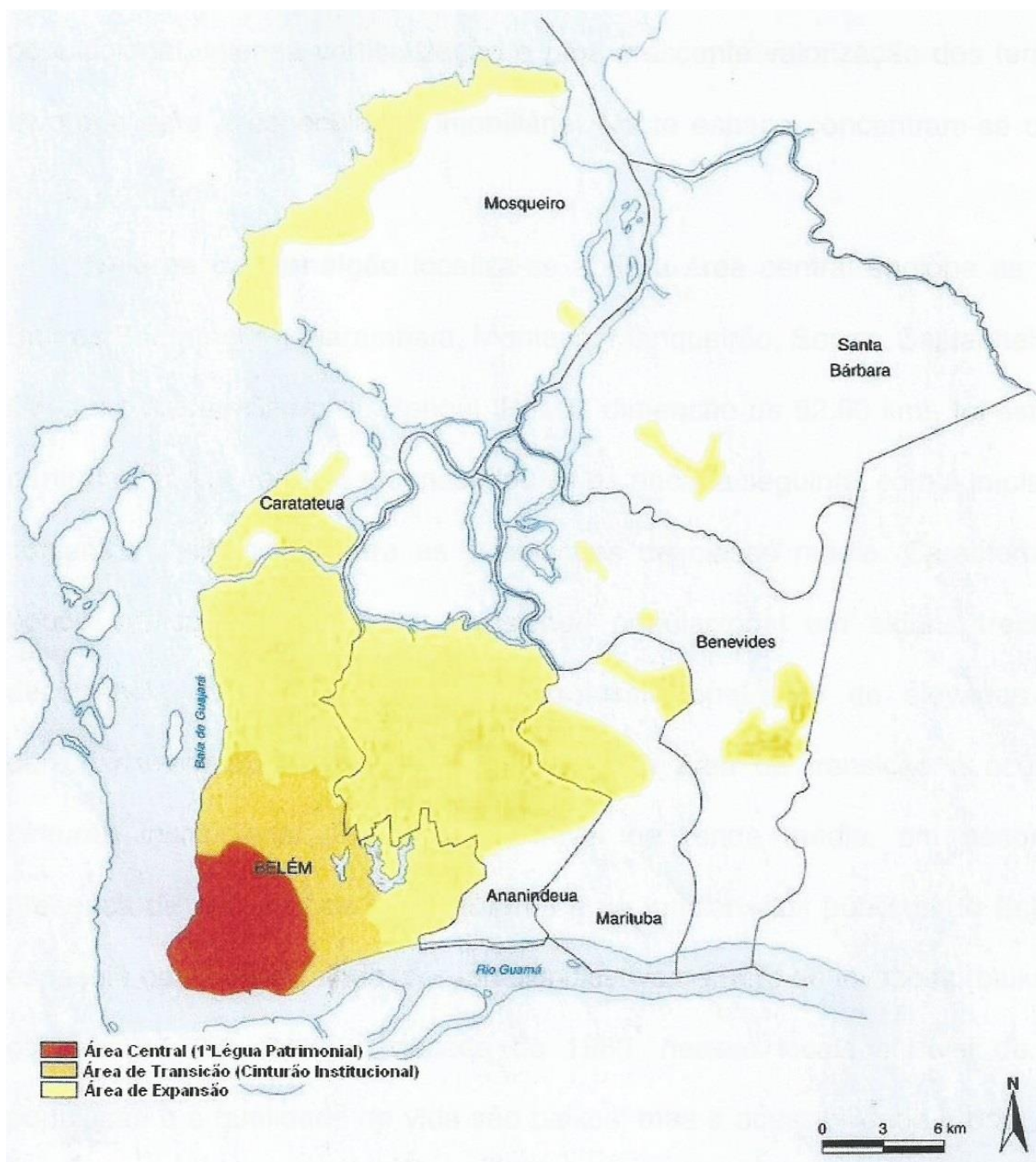
Fonte: Google Maps, 2014

A ocupação de áreas mais distantes, até mesmo em outro município, em relação ao centro de Belém, se deve por causa de pelo menos quatro fatores:

- O grande aumento populacional, que necessariamente obrigou a ocupação de novas localidades;
- A facilidade de acesso e locomoção após a construção da BR-316, que facilitou a conexão com outras localidades e por esse motivo foi onde a expansão urbana de Belém se apresentou primeiramente;
- O fato de áreas mais distantes da orla da baía e do rio estarem em cotas mais altas e sofrerem menos inundações, garantindo melhor qualidade de habitação;
- O custo de ocupação do solo ser mais baixo, já que a região central estava cada vez mais saturada, disputada e valorizada economicamente, o que tornava inviável a permanência principalmente da população de baixa renda;



Figura 14: Estrutura Urbana da Região Metropolitana de Belém



Fonte: Iacimary Pereira, 2004

Além da malha urbana na 1ª Léguas Patrimonial já estar completamente adensada, Belém enumera ainda atualmente outras problemáticas, principalmente no que diz respeito a transporte e meios de locomoção. Em primeiro lugar, os interesses capitalistas fizeram com que a capital do Pará desse menos espaço ao fluxo e conforto da população e cedesse às construções urbanas.

Esse fato pode ser comprovado pelo fato da cidade ter avenidas estreitas, mesmo as mais movimentadas, como é o caso da Avenida Nazaré e da Avenida José Malcher, que se localizam uma paralela à outra e no coração da cidade, cortando principalmente o bairro de Nazaré.

Outro ponto que deve ser evidenciado é a ausência de ciclovias e de opções de transporte público, sendo as linhas de ônibus o único meio. E ainda assim, a única avenida que possui melhor infraestrutura e corredor de uso exclusivo para ônibus para melhorar o fluxo é a Almirante Barroso, localizada no bairro do Marco, o qual ainda está em fase final de obras segundo a Prefeitura de Belém (CODEM, 2015), e que conecta-se a BR-316.

Outro fator importante são as limitações físicas da Baía de Guajará e do Rio Guamá, que impedem que a cidade se desenvolva em direção sul e oeste. Isso faz com que a capital tenha uma única saída via terrestre: a rodovia BR-316.

A falta de avenidas também pode ser justificada pela ocupação irregular das baixadas. Como as construções ocuparam de forma não linear todos os espaços ao redor das cotas altas, as ruas tornaram-se ainda mais estreitas nessas regiões.

No Guamá, um dos mais populosos do município, por exemplo, há apenas uma grande avenida que corta a parte oeste do bairro: a Avenida José Bonifácio. Todas as outras ruas são irregulares, com muitas curvas e estreitas, pois foram surgindo de acordo com os contornos dos lotes.



Foto 4: Verticalização na área central de Belém, bairros Batista Campos e Nazaré



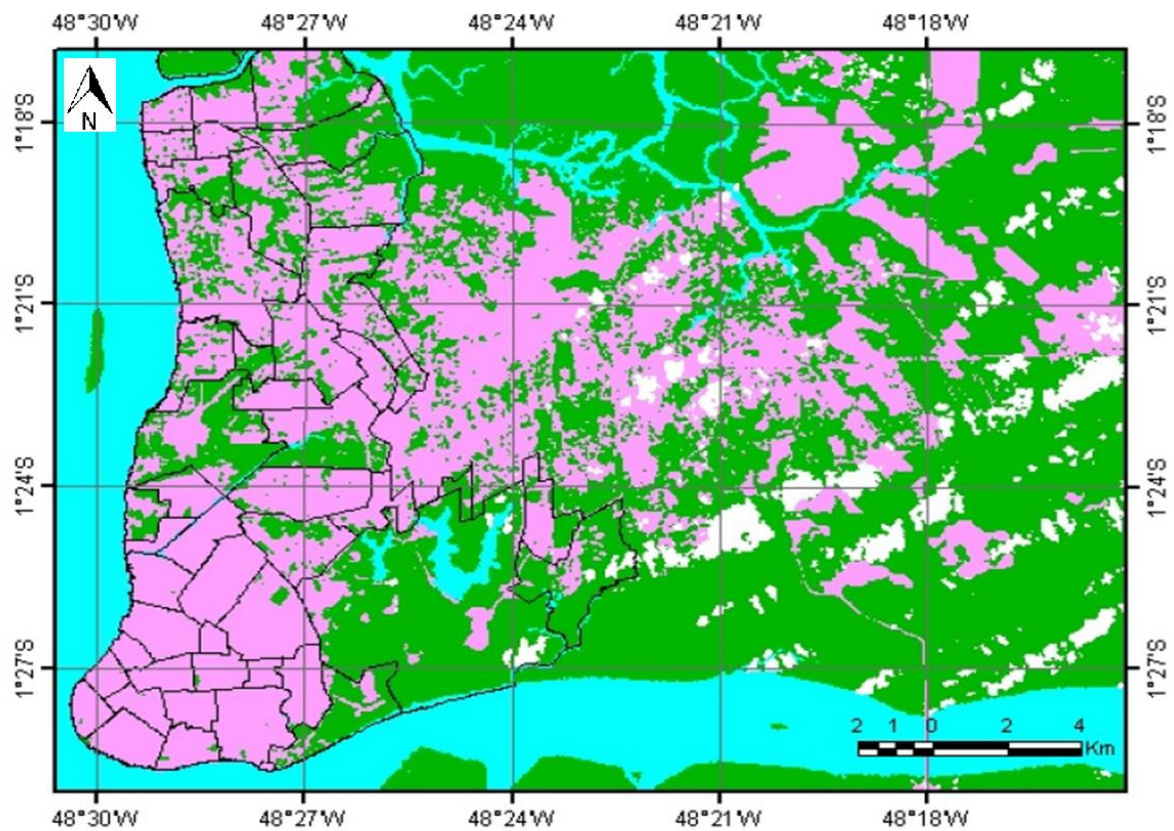
Fonte: Eloi Raiol Fotografando, 2010

Mesmo tendo de início uma cidade projetada para ter arborizações, com muitas praças e bosques, a cidade de Belém cresceu desordenadamente e com a preocupação de preservação da natureza dando lugar aos princípios econômicos, principalmente na parte sul e histórica do município, local onde a cidade é extremamente densa e verticalizada.





Tal fato pode ser observado pelo número de praças e bosques que foram implantados em número reduzido, em comparação ao projeto inicial. E mais agravante ainda a situação se torna à medida que se distancia do centro, onde a população começou a se fixar sem um padrão de planejamento urbano e ocupação do solo.

A expansão urbana belenense não seguiu adequadamente um planejamento urbano e por isso a favelização se tornou iminente. A ocupação irregular dos lotes, a especulação imobiliária, as implantações industriais, as limitações de expansão, os terrenos alagadiços e o aumento populacional, fizeram com que a cidade expandisse “abrindo-se” para todos os lados e ocupando todas as áreas possíveis, depois da 1ª Léguas Patrimonial.

Figura 15: Ocupação do solo de Belém e Região Metropolitana em 2006



**Legenda**

-  Ocupação do solo
-  Limites dos bairros de Belém
-  Vegetação
-  Corpo d'água

Fonte: Geopará, 2012

Modificado por: Erick Bastos

## CAPÍTULO 3: JURUNAS

### 3.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO BAIRRO

O bairro do Jurunas, um dos mais tradicionais da capital paraense, apesar de ser tachado como área de periferia, localiza-se muito próximo ao centro de Belém, no sul do município, fazendo fronteira com os bairros: à oeste, Cidade Velha, pela rua Cesário Alvim; ao norte, Batista Campos, pela Travessa Tupinambás; e Condor, a leste, pela Travessa Quintino Bocaiúva; além de ser limítrofe ao Rio Guamá, ao sul.

Fazendo parte (em sua maioria) do Distrito Administrativo do Guamá, o nome do bairro faz referência à tribo indígena do Juruna, localizada no estado do Mato Grosso (Tânia Lima. *Povos indígenas no Brasil: Yudjá/Juruna*. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/yudja>>. Acesso em: 25 fev 2015).

Algumas de suas ruas também homenageiam grupos indígenas. De acordo com a prefeitura de Belém, o bairro tinha uma população de 62.740 habitantes no ano 2000, em uma área aproximada de 2,5 km<sup>2</sup> (CODEM, 2010), sendo, portanto um dos mais populosos da capital, com mais de 25 mil habitantes por km<sup>2</sup>.

Imagem de satélite 2: Localização e delimitação do bairro do Jurunas em Belém



Fonte: Wikimapia, 2015



### 3.2 OCUPAÇÃO E URBANIZAÇÃO JURUNENSE

Por ser uma área de baixada, a ocupação do Jurunas e dos demais bairros periféricos e de baixada ao redor, se deram em função da saturação das cotas mais altas ao longo do processo de urbanização do município, além de ser uma área bem próxima ao centro. Portanto, sua ocupação era iminente. Nesse sentido, o solo propício a alagamento interfere na verticalização da região, caracterizando-o, portanto, como sendo um bairro predominantemente horizontal.

A quebra repentina da verticalização para a horizontalidade urbana no Jurunas é um elemento que marca nitidamente não só a transição para cotas mais baixas, mas também a transição para uma área menos socioeconomicamente desenvolvida. Praticamente toda a área de baixada ao redor da parte central e mais histórica da cidade é constituída por moradias subnormais, elas contornam todo o centro mais desenvolvido. Os lotes são irregulares e menores, as casas e ruas são mais estreitas, não há uma regularidade de construções, em certas localidades as ruas não são asfaltadas e em muitas outras, a falta de saneamento é gritante.

Foto 5: Bairro do Jurunas e Rio Guamá



Fonte: Eloi Raiol Fotografando, 2010

A urbanização de Belém nas cotas altas e centrais da cidade, logo se viu saturada e sentindo a necessidade de se expandir à medida que se desenvolvia. Com a alta industrialização, intensificação do comércio e fluxos no porto, essa necessidade se tornou mais emergencial ainda, pois a valorização do solo se apresentava cada vez mais alta, como evidencia Trindade Jr (1997, p. 12):

Historicamente, a industrialização estimulou o processo de centralização e de consolidação da Área Central. As mudanças em relação a essa tendência, surgem no momento em que o progresso da produção industrial, com novas técnicas de produção, exige maiores sítios para a expansão das novas atividades. A valorização dos imóveis no centro da cidade faz a periferia distante apontar condições bem mais vantajosas, tais como menores preços dos terrenos e menores valores cobrados em relação às taxas e impostos, que, na Área Central, sofreram um gradual processo de majoração (TRINDADE JR, 1997, p. 12).

Até a década de 1940, as áreas mais altas da cidade eram destinadas à ocupação urbana e industrialização, enquanto que as cotas mais baixas e alagáveis eram utilizadas para fins agropastoris, a partir da implantação de vacarias, que garantiam o abastecimento de leite à cidade (PEREIRA, 2004, p. 63).

Mas, apesar dos locais alagadiços não serem destinados a fins exclusivamente urbanos até esse período, desde o século XVIII já havia indícios de ocupação, como elucida Carmem Rodrigues:

Os bairros que surgiram, no prolongamento da cidade em sentido paralelo ao rio Guamá, atestam uma ocupação muito antiga. Podemos dizer que os mesmos começaram a constituir-se desde o século XVII, considerando-se a presença de populações indígenas ao longo da margem direita do rio, quando os portugueses aqui chegaram. Mas foi somente a partir do século XVIII que o sítio geográfico onde se localiza o bairro do Jurunas foi sendo lentamente incorporado à área de expansão da cidade. As primeiras ruas surgiram a partir da abertura de caminhos que permitiam, às vezes com muita dificuldade, o trânsito entre o centro e as terras que estavam sendo utilizadas para moradia e/ou para atividades econômicas de baixo custo e rendimentos, pela população mais pobre, que utilizava áreas devolutas para construir chácaras, vacarias, cocheiras, canteiros e hortas. (RODRIGUES, 2008, p. 145).

A partir de 1950, houve um duplo acontecimento significativo em Belém, que culminou na ocupação de novas áreas. Primeiro, a cidade começava a se modernizar mais com a industrialização, não havendo a necessidade de haver vacarias nas áreas baixas. Dessa forma, as localidades antes destinadas àquele tipo de ocupação, tornaram-se grandes espaços

vazios (PEREIRA, 2004, p. 63). Em segundo (e por consequência do primeiro), a cidade sofreu um aumento populacional considerável, que obrigava a capital a ter novos locais de expansão, pois a faixa central e mais alta da 1ª Légua Patrimonial estava saturada. O processo de industrialização fez com que a capital sofresse um “boom” demográfico, agravando mais ainda a necessidade de expansão das áreas ocupadas.

Belém desenvolveu sua função de centro exportador de látex e polo de atração de migrantes, principalmente de origem nordestina. Em 1960 a população de Belém contava com 399.232 habitantes, chegando à década de 1980 com 807.757 habitantes e em 2010 a 1,4 milhão de habitantes. O município concentra a maior população do estado e maior população urbana (MOTTA; PÊGO, 2013, p. 524).

A população jurunense começou a se adensar por volta da década de 1960, quando muitas pessoas de baixa renda vindas do interior e de outros estados, procurando melhor qualidade de vida, chegaram a Belém e se instalaram no local – além das que já moravam na cidade, mas não tinham condições de se manter nas localidades mais valorizadas.

Figura 16: Aglomerações subnormais na porção sul do município



Fonte: Último Segundo IG, 2011

Aliando o útil (necessidade de expansão) ao agradável (áreas de vacarias vazias), as áreas de baixada passaram a ser então ocupadas, e a ter uma característica comum que as definisse, principalmente nas regiões que beiravam a orla: as casas de palafita. Inicialmente, alguns terrenos alagadiços sofreram processo de aterramento e posteriormente foram ocupados:

Deve-se ressaltar que a construção de 2 (dois) diques na década de 1940 (Estrada Nova e Rodovia SNAPP), podem ter contribuído para a ocupação das áreas baixas, pois se destinavam a conter as inundações em grandes áreas baixas e dessa forma teriam ficado propícias para que particulares recuperassem os terrenos por meio de aterros e construíssem seus “barracos”. Entretanto, parte dessa população adicional construiu suas habitações diretamente sobre terrenos alagáveis, no estilo *palafitas*, construindo vias de acesso constituídas das chamadas *estivas* (PEREIRA, 2004, p. 64).

As casas de palafita foram a solução viável encontrada pela população de baixa renda de se manter numa localidade de difícil moradia, por conta da questão física. Tais tipos de residência são mais presentes nas áreas próximas e limítrofes ao rio, pois estão constantemente sendo atingidas por alagamentos.

Foto 6: Limites dos bairros Jurunas e Batista Campos, notável pela verticalização no lado direito (Batista Campos) e horizontalidade no esquerdo (Jurunas)



Fonte: Eloi Raiol Fotografando, 2010

Com o passar das décadas, o Jurunas tornou-se extremamente populoso, e praticamente todos os espaços disponíveis possíveis foram rigorosamente ocupados, em sua maioria de forma irregular e sem planejamento, fazendo com que a carência de infraestrutura se transformasse como uma das principais características do bairro. A falta de atenção necessária aos locais alagadiços culminou na configuração urbana a qual o Jurunas se encontra atualmente.

Com um mapeamento do bairro do Jurunas, é possível notar pelo menos dois tipos de formas de ocupação: uma mais espacialmente definida e parecida com os bairros de cotas mais altas, com ruas e traçados retilíneos em quadriculado (quarteirões), próximos aos bairros Batista Campos e Cidade Velha; e outra com maior irregularidade, com ruas mais estreitas e sem ordenação prévia, localizadas a sul e sudeste do bairro. É onde se encontram as casas de palafita, que são locais com maior incidência de alagamento, embora o bairro como um todo esteja sujeito a essa situação.

A paisagem que se forma em Belém, de modo geral, aliando as áreas completamente ocupadas, tanto nas cotas altas quanto nas baixas é de um crescimento urbano desenfreado, acarretando em impactos ambientais agravantes, como:

*i) o aquecimento das áreas centrais causado pelo adensamento de construções; ii) a redução de áreas verdes, que concorre para a diminuição do conforto térmico e perda de biodiversidade; e iii) a impermeabilização do solo que, aliada à falta de infraestrutura necessária ao escoamento das águas pluviais, provoca constantes alagamentos na cidade. (MOTTA; PÊGO, 2013, p. 543)*

Esses impactos são visíveis na cidade como um todo. A alta incidência de chuvas faz com que muitos bairros, principalmente os mais carentes em infraestrutura e de baixada, sofram com alagamentos frequentes, especialmente as áreas que beiram ou são próximas a canais, pois estes geralmente enchem até transbordar, devido à falta de estrutura adequada de escoamento.

A diferença de conforto térmico é diferentemente sentida quando se está na orla e no centro da cidade, principalmente quanto à circulação dos ventos, que é bloqueada pelos arranha-céus. E a paisagem, tanto verticalizado quanto horizontal, inibe notavelmente a existência da preservação de áreas naturais e da biodiversidade.

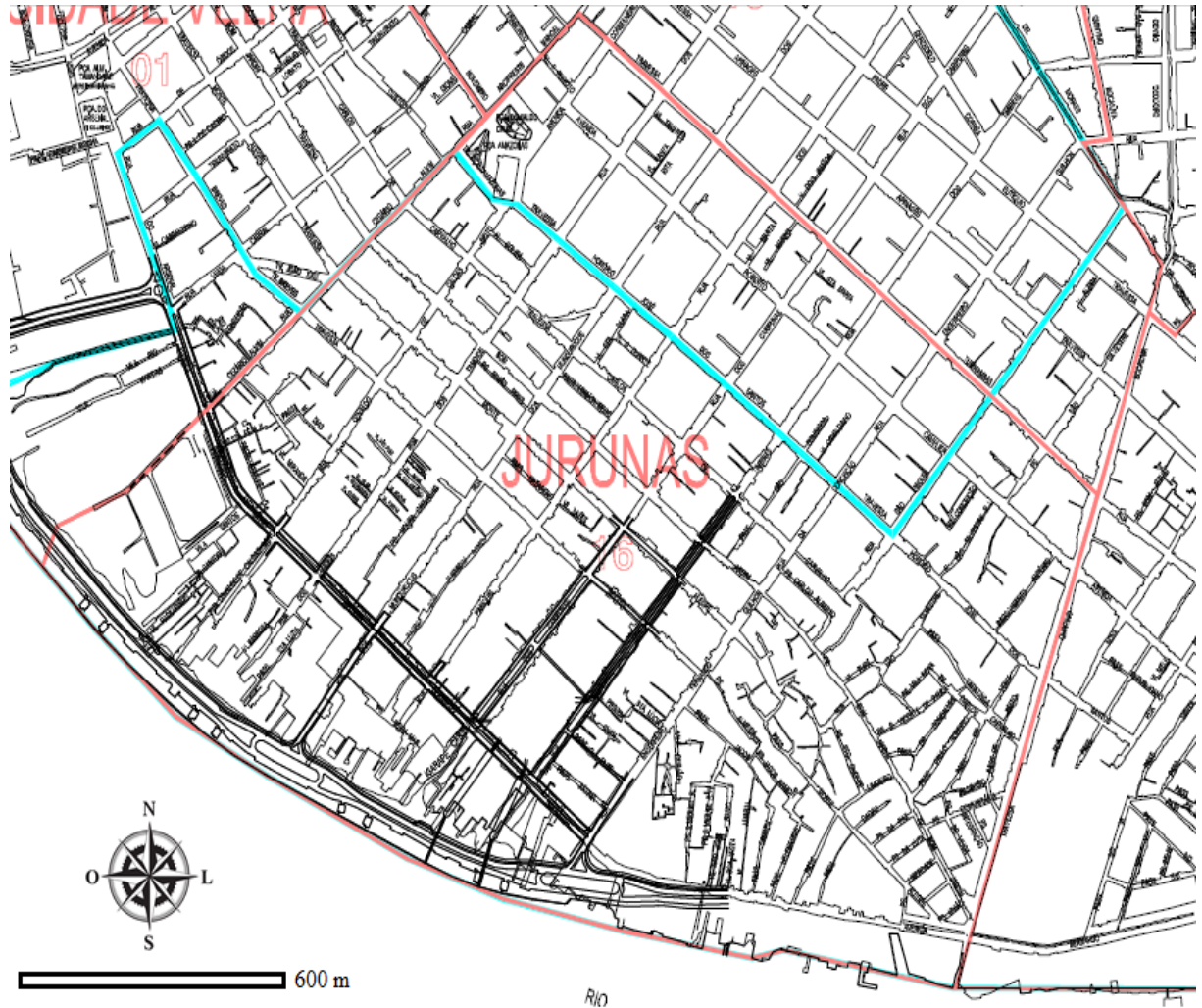


Foto 7: Alagamento na Rua Timbiras, Jurunas





Fonte: G1 Pará, 2015

Figura 17: Mapeamento das ruas do Jurunas



**Legenda:**

-  **Limite de Baixos de Belém**  
(Lei Municipal Nº 7.806 de 30/07/96)
-  Distritos da Área Continental

**CONVENÇÃO CARTOGRÁFICA:**

-  Quadras
-  Rios e Igarapés
-  Elxos de R.
-  Lagos e lagoas

Fonte: CODEM, 1999 (modificado por Erick Bastos)

### 3.3 A PERIFERIA CENTRAL DO JURUNAS

A diferença de Belém para outros grandes núcleos urbanos é que as limitações de expansão fazem com que tudo seja mais condensado e próximo geograficamente. Um dos elementos que justificam esse fato é a condição dos lotes em toda a cidade, até mesmo nas áreas nobres, sejam eles residenciais ou comerciais, serem geminados.

Nesse sentido, no que diz respeito a uma noção de centro-periferia, a periferia mais histórica de Belém acaba assumindo um duplo-sentido: de periferia *distante-centralizada*. Ao mesmo tempo em que continua a ser necessariamente uma área periférica e destoante do centro, tanto por questões culturais, sociais, políticas e econômicas de modo geral, quanto por questões físicas, a centralidade geográfica pesa muito sobre o contexto urbano belenense, mesmo em condições impróprias de ocupação.

Como se sabe, em determinadas áreas como o Jurunas, mesmo que se tenha a intenção de modernizá-lo, as condições de habitação são inadequadas e estarão sempre destinadas àqueles que não têm condições de se manter nas áreas altas e com melhor infraestrutura. Mesmo assim, a inserção do Jurunas como periferia é levada a rigor apenas na questão infraestrutural, cultural e socioeconômica dos residentes do bairro.

No sentido de ser a “periferia distante”, o Jurunas vem cada vez mais transformando essa definição, à medida que vem sendo aglomerado física e socialmente ao centro da cidade. Um exemplo disso é a localização de componentes físicos marcantes no bairro, que são de grande importância para a cidade como um todo. Os melhores exemplos são:

- A localização da sede de uma das maiores redes de supermercado da cidade, o Líder, que se localiza ali;
- A representação do bairro na cultura da cidade, podendo citar como exemplo a escola de samba Grêmio Recreativo Beneficente Jurunense Rancho Não Posso Me Amofiná, uma das maiores da capital;
- Um dos atrativos turísticos e históricos de Belém ser localizado no bairro, o presídio de São José;

- E principalmente, abarcando aspectos econômicos, culturais e sociais, a presença da recente nova construção do bairro, o Portal da Amazônia.

### **3.4 PORTAL DA AMAZÔNIA**

O Portal da Amazônia é um complexo poliesportivo, turístico e infraestrutural localizado a beira do rio Guamá, entre os bairros Cidade Velha e Jurunas, ao lado do Mangal das Garças e do Hospital Naval de Belém.

O complexo é um espaço aterrado composto pela macrodrenagem da Estrada Nova e pela Orla de Belém, sendo dotado de quadras poliesportivas, mirantes, pistas de ciclismo, quiosques e espaços para shows e eventos, tendo sido construído com a finalidade de melhorar a qualidade de vida da região em aspectos como saneamento, lazer e turismo.

Sendo formado desde 2005 e com aproximadamente um quilômetro e meio de extensão atuais, o projeto prevê que o Portal atinja até seis mil metros, indo desde o Mangal das Garças até a Universidade Federal do Pará. Entretanto, em 30 de junho de 2012, apenas a primeira etapa do Portal foi inaugurada estendendo-se desde pouco antes da Rua Veiga Cabral, na Cidade Velha, até a Rua dos Mundurucus, no Jurunas.

A construção do Portal demandou uma série de mudanças infraestruturais na região. Além da área ter sido aterrada, algumas casas de palafita ribeirinhas foram removidas e suas famílias realocadas para outras localidades, a fim de que o projeto pudesse ser efetivado.

Mapa 1: Localização do Portal da Amazônia



Legenda

- Portal da Amazônia
- Limite do Jurunas

Fonte: Google Maps, 2015  
Elaboração: Erick Bastos

O Portal da Amazônia foi um marco na historicidade tanto do Jurunas, quanto de Belém. Durante os sete anos que demorou para ser construído, a infraestrutura do bairro próximo ao complexo se transformou consideravelmente.

A necessidade de localidades de lazer, espaços para eventos e de maior conforto de áreas naturais foram fatores que se amenizaram com a construção do Portal. Hoje o local está sempre cheio, com pessoas de todas as idades que vão em sua maioria praticar esportes. Com frequência existem eventos culturais como shows e outras apresentações no local, que são importantes para movimentar o turismo e alavancar a economia.



Foto 8: Imagem aérea do Portal da Amazônia



Fonte: Federação Paraense de Ciclismo

### **3.5 MELHORIAS ESTRUTURAIS DO JURUNAS**

Com a ocupação e urbanização do Jurunas cada vez maior, o bairro começou a ter lentamente sua infraestrutura modificada. A partir da década de 1960, o bairro passou a ter algumas melhorias que estruturaram melhor a região. A pavimentação das ruas próximas aos bairros Batista Campos e Cidade Velha, foi uma delas.

Entretanto, essas melhorias não foram feitas no bairro como um todo. Na parte sul e oeste, as casas de palafita, as ruas estreitas, a falta de saneamento e os lotes irregulares ainda são um problema muito grande e com menor atenção voltada.

Porém, entre 2005 e 2014, durante e após a construção da primeira etapa do Portal da Amazônia, alguns aperfeiçoamentos foram executados no bairro, como por exemplo, a canalização e aterramento de alguns canais que cortam o Jurunas.

Mapa 2: Canais do Jurunas



**LEGENDA**

- Canais que cortam o Jurunas
- Limite do bairro do Jurunas

Fonte: Google Earth, 2015

Elaboração: Erick Bastos

Os canais do bairro se localizam na Rua dos Caripunas, na Rua Timbiras, na Travessa Quintino Bocaiúva e na Avenida Bernardo Sayão. O canal da Rua dos Caripunas foi totalmente coberto. O mesmo está sendo feito na Rua Timbiras, mas as obras ainda estão em andamento.

O canal da Travessa Quintino Bocaiúva ainda não foi aterrado, mas restabeleceu-se com a canalização e implantação de concreto à sua volta, bloqueando o vazamento e escoamento à residências próximas.

O único canal que passou por transformações significativas, porém apenas em uma parcela, foi o da Avenida Bernardo Sayão, exatamente na altura em que foi construído o Portal da Amazônia, entre as ruas Veiga Cabral e Mundurucus.

Foto 9: Canal aterrado na Rua dos Caripunas



Fonte: Erick Bastos, 2015

Os locais onde foram feitas, mesmo que pequenas, mudanças infraestruturais, ajudaram a melhorar as condições de vida da região. Os alagamentos, que são um dos principais impasses do bairro, reduziram a incidência de modo significativo nessas áreas em que houve benfeitorias urbanas. Outros fatores, não menos importantes, como redução de poluição e contaminação dos afluentes e incidência de doenças, por exemplo, também foram elementos que estatisticamente sofreram redução.


Mesmo com as melhorias urbanas, novos impactos ambientais surgiram na região. O principal deles que pode ser notado é o da implantação de concreto no lugar de áreas verdes e arborizadas. Na Rua dos Caripunas e na Avenida Bernardo Sayão, essa situação é bastante notável.



Imagem de Satélite 3: Trecho da Avenida Bernardo Sayão em 2009



Legenda:


 Avenida Bernardo Sayão

Fonte: Google Earth, 2015  
Elaboração: Erick Bastos

Imagem de Satélite 4: Trecho da Avenida Bernardo Sayão em 2014



Legenda:

 Avenida Bernardo Sayão

Fonte: Google Earth, 2015  
Elaboração: Erick Bastos

### 3.6 VALORIZAÇÃO CULTURAL

A cultura paraense hoje é extremamente forte em vários aspectos. Indo desde o viés gastronômico, com produtos fazendo parte do cotidiano da população, tendo como exemplos a tapioca, o açaí, a maniçoba e o tacacá, passando pela parte musical com a existência do *brega* e mais recentemente do *tecnobrega* paraense e atingindo até a religião, com a presença de diversas procissões, entre elas, a mais importante da capital (e a maior do mundo), o Círio de Nazaré, a metrópole construiu ao longo dos seus quase 400 anos de existência uma identidade regional muito fortificada e específica.

Por ser localizado muito próximo do centro da cidade, além de ser antigo, o Jurunas assumiu uma característica cultural tradicionalista. Ao longo da historicidade de Belém, este bairro ao sul do município foi ganhando identidade própria e se “desenvolvendo” culturalmente, apesar de continuar sendo caracterizado como periférico, criando um paradoxo.

A história do Jurunas o impulsiona como um importante elemento na construção da cultura paraense. Quem nasce na capital, é belenense. Mas se a pessoa nasce e vive no Jurunas, mais um recorte é feito, e a pessoa passa a ser “jurunense”, tamanha a força da cultura local. Esse fator é explicado em razão do bairro ter sido um dos primeiros a sofrer ocupação após as cotas mais altas serem ocupadas, fazendo com que o Jurunas tivesse um forte enraizamento cultural e identidade própria dentro da historicidade da metrópole paraense.

Por ser um bairro irregular, suas ruas também são irregulares. Não apenas no sentido físico e estrutural, mas no social também. Diferentemente do Reduto e da Campina, que são bairros predominantemente comerciais, tendo algumas de suas ruas destinadas exclusivamente a esse tipo de ocupação, no Jurunas isso não é bem definido e não há regras de destinação do uso do espaço. Muitos membros da população jurunense trabalham, vivem e festejam nas próprias ruas, sem haver um recorte físico definido para cada situação. Isso significa que a cada momento o espaço assume um papel diferente, como reforça Carmem Izabel Rodrigues:

No Jurunas, muitas ruas e passagens se destacam como palco de uma forte sociabilidade, funcionando como caminhos de procissões, pedaços de grande circulação ou mesmo como espaço para ensaios das quadrilhas juninas ou das

escolas de samba. Assim, as ruas se transformam, no tempo-espaço da festa, em local de trabalho e ponto de encontro, através de uma ampla sociabilidade que liga os sujeitos no cotidiano (RODRIGUES, 2006, p. 212).

O tradicionalismo cultural do bairro é um importante fator que evidencia a forte presença do Jurunas na história de Belém. A escola de samba Grêmio Recreativo Beneficente Jurunense Rancho Não Posso me Amofiná, por exemplo, totaliza atualmente 17 títulos de campeã do carnaval de Belém como escola de samba e 10 títulos em categoria Rancho (Olhando Belém, 2014. Disponível em: <<http://www.olhandobelem.com/2014/02/rancho-nao-posso-me-amofina/>>).

O enraizamento cultural reforça o uso do espaço no Jurunas não apenas como um bairro de moradia de classe média e média baixa. Nos seus 2,5 km<sup>2</sup> de extensão, vários aspectos contribuem para a construção do que se define atualmente como Jurunas. Ou seja, apesar do bairro ter sido inicialmente ocupado como forma alternativa de moradia pela população de baixa renda, ao longo do tempo, aquele local foi ganhando outras características que o especificam e o definem com uma identidade local.

Durante o ano inteiro, vários eventos acontecem no bairro. Aos finais de semana, as ruas do Jurunas se transformam em espaços para shows, palcos de quadrilhas juninas e acontecimentos religiosos.

Entre os eventos mais populares do bairro, além da presença forte da escola de Samba Rancho Não Posso Me Amofiná, estão as festas juninas, as festas de aparelhagem e as procissões religiosas, com destaque para a da Paróquia Santa Terezinha do Menino Jesus.

As festas de aparelhagem consistem em um agrupamento de equipamentos de som, luzes e elementos pirotécnicos. A própria sede do Rancho disponibiliza seu galpão para esses eventos, mas também é muito comum que eles aconteçam no meio da rua, especialmente aos finais de semana e feriados.

Vários *DJs*, cantores e dançarinos regionais se apresentam nessas festas, especialmente ao som de *tecnobrega* (por vezes estilizado como *tecnomelody*), um estilo musical surgido no início dos anos 2000 na periferia paraense com influência de ritmos eletrônicos que se misturam ao *brega*. O novo som se expandiu e hoje em dia atinge grande

visibilidade nacional e internacional, com muitos adeptos ao estilo em diversas partes do Brasil e do mundo.

O uso da música em si é um dos produtos mais difundidos pelo bairro. A cantora brasileira Gaby Amarantos, nascida e criada no bairro, ganhou fama nacional e internacional após ter passado boa parte de sua vida se apresentando na periferia jurunense, além de ter feito parte do coral da Paróquia Santa Terezinha do Menino Jesus por muitos anos. Também conhecida como *Beyoncé do Pará*, atualmente a cantora divulga e enaltece a cultura do Jurunas, que para a própria artista é extremamente importante para o desenvolvimento local e regional.

No quesito fé, a religiosidade de Belém é muito forte, especialmente no catolicismo. Segundo dados do IBGE (Censo 2010), dos quase 1,4 milhão de habitantes, cerca de 863 mil são católicos, ou seja, mais de 61% da população. A festa da Paróquia de Santa Terezinha ocorre em julho, e é um dos eventos mais esperados do ano no Jurunas, com direito a procissões e quermesses. A Santa Terezinha é reconhecida como a padroeira do bairro.

Nesse sentido, é fundamental dizer que a construção cultural, em suas diversas formas e aspectos, é um ponderoso fator de identidade local, especialmente os eventos festivos, como afirma Carmem Izabel Rodrigues:

A festa é, portanto, fundamental ao processo de sociabilidade brasileira e participa ativamente do processo de construção de uma identidade nacional, assim como de identidades regionais ou locais, e de grupos mais específicos, tais como grupos religiosos, étnicos, migrantes ou não migrantes, urbanos ou rurais (RODRIGUES, 2006, p. 122).



Foto 10: Sede da escola de samba Rancho Não Posso Me Amofiná



Fonte: Google Earth, 2015

### 3.7 VALORIZAÇÃO IMOBILIÁRIA

O Jurunas tem uma peculiaridade que sobressai os demais bairros ditos periféricos: tem localização geográfica privilegiada. A geografia do bairro contribui para uma dicotomia local: a de definir o bairro como periférico, ao mesmo tempo em que é central. Dessa forma, com o aumento populacional e a necessidade de ocupação, o Jurunas passou a ser valorizado tanto culturalmente, quanto no sentido imobiliário.

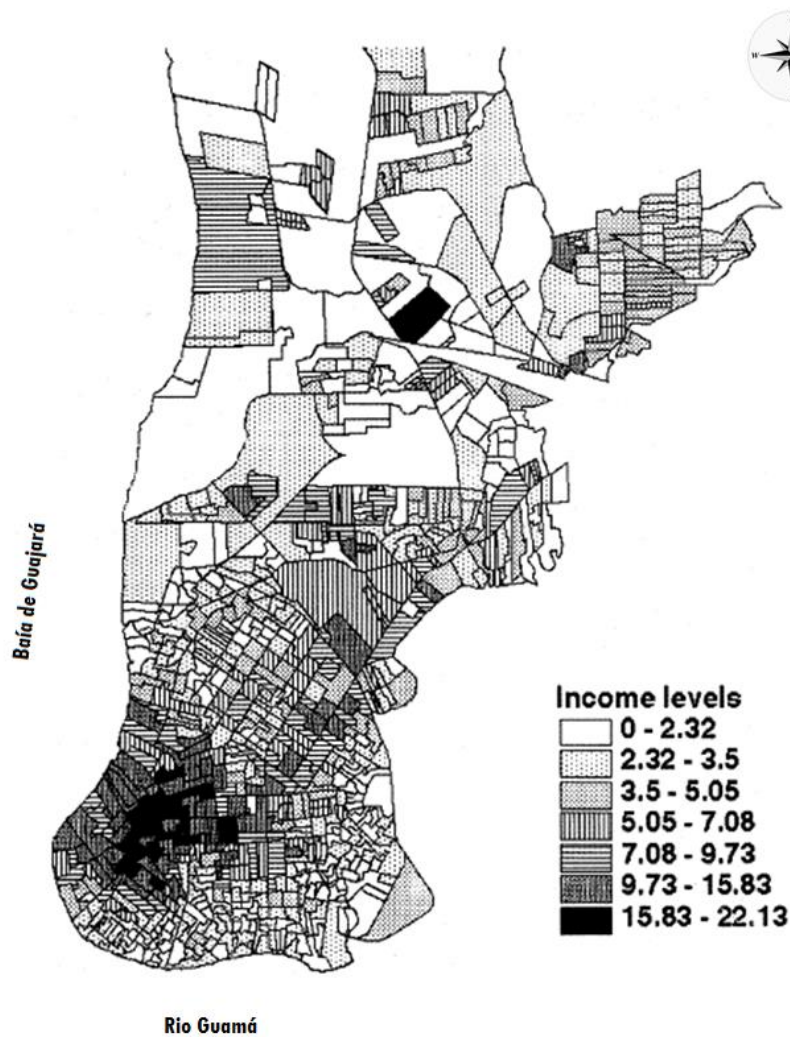
Os índices de melhor renda dos habitantes de Belém se concentram principalmente nos bairros Batista Campos, Nazaré, Reduto e Umarizal. Todos dentro da parte histórica, central e alta da cidade. Nas ruas altas do Jurunas mais próximas do centro, os índices de renda dos moradores são notavelmente maiores, por residirem em locais com melhor infraestrutura.

As ruas mais próximas e que fazem fronteira com Batista Campos, tampouco parecem estar em outro bairro se não aquele. A Travessa Tupinambás, a Avenida Roberto Camelier e parte da Travessa Honório José dos Santos, muito se assemelham com o bairro ao lado e é onde as melhores residências do Jurunas se encontram.

Esse fato só reforça a tendência de englobamento do Jurunas como parte do centro estruturado e verticalizado. Como o bairro faz fronteira com um dos mais nobres da cidade, as ruas limítrofes a ele são mais bem planejadas que as mais baixas e ribeirinhas, conseqüentemente, são os lotes mais valorizados do bairro.

Dessa forma, podemos dizer que a valorização de certas áreas no Jurunas em detrimento a outras está ligada basicamente a dois aspectos: por ser fronteiro a um bairro de classe média alta e à região central; e pela questão física do solo ser mais propício a ocupação justamente nas localidades mais próximas do centro do que nas regiões ribeirinhas.

Figura 18: Renda Média de Belém no ano de 1991\*



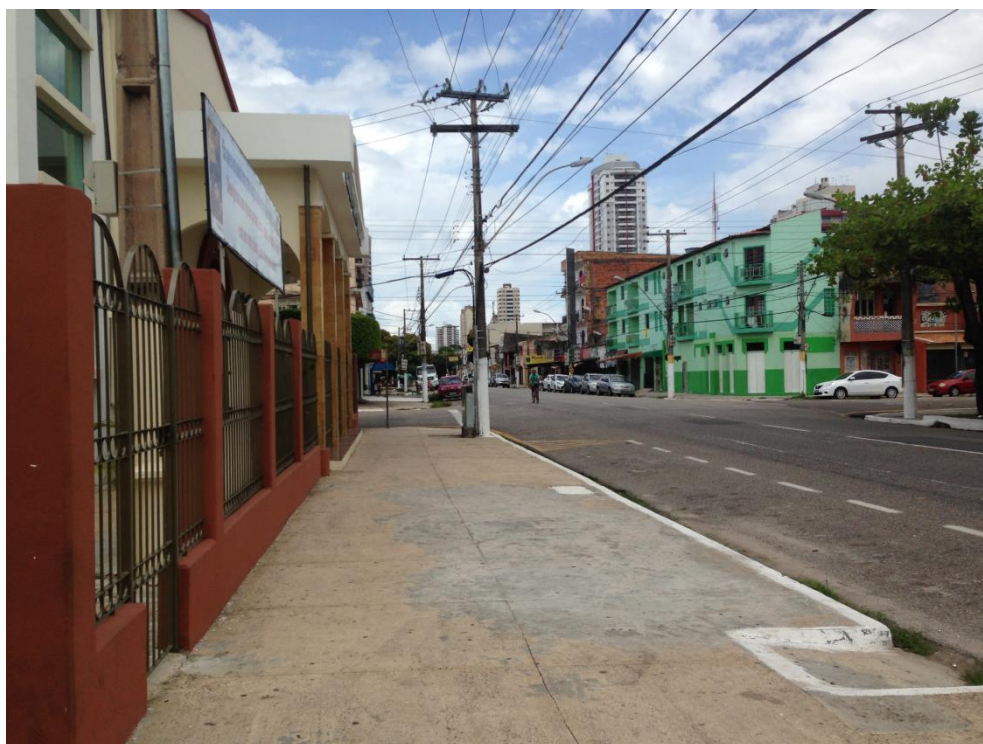
\*média de salários mínimos por setor censitário

Fonte: José Julio Lima, 2001 (modificado por Erick Bastos)

O Jurunas, por ser um bairro histórico, apesar de ser característico como de classe média e média baixa, possui a maioria das residências tidas como próprias. Diversas famílias, que estão há várias gerações residindo na mesma localidade, têm lotes comprados e poucas são as que vivem pagando aluguel a terceiros, mesmo nas ruas em que há várias casas construídas irregularmente sob a condição de palafitas. O enraizamento no bairro é uma questão cultural muito forte e que transcende aos aspectos econômicos da região.

Fotos: Diferenças socioeconômicas no Jurunas

Foto 11: Cruzamento da Avenida Roberto Camelier com Rua Timbiras



Fonte: Erick Bastos, 2015

Foto 12: Casas de palafita às margens da Avenida Bernardo Sayão



Fonte: Erick Bastos, 2015



## **CAPÍTULO 4: IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS NO JURUNAS**

### **4.1 QUALIDADE DE VIDA DOS MORADORES**

O forte enraizamento bairrista construído pela população jurunense o fez adquirir características que transcendem sua influência cultural tradicionalista a outros aspectos. Não é difícil encontrar famílias que vivem na mesma residência há várias gerações e até mesmo famílias inteiras com todos os membros morando dentro do bairro.

Com o propósito de compreender a qualidade de vida dos moradores, durante o mês de janeiro de 2015 foram efetuadas entrevistas informais com alguns dos habitantes da região. Os questionamentos consistiam basicamente em saber se as residências: eram próprias ou alugadas (não entrando em questão a regularidade dos lotes em relação ao pagamento de IPTU); se havia água e esgoto canalizados; se a rua em que reside tem coleta de lixo frequente ou se há um local adequado para separá-lo; se o morador possui relatos de incidentes próximos ao local onde mora, como enchentes ou alagamentos nas ruas.

#### **4.1.1 Entrevistas**

Para facilitar a compreensão, as entrevistas, apesar de não terem sido feitas em formato de formulário e sim por conversas informais, foram resumidas e agrupadas em tópicos com respostas objetivas, a fim de obter melhor clareza e entendimento por parte do leitor. Serão apresentadas as respostas de 6 (seis) famílias, que residem em diferentes partes do Jurunas, e que foram estrategicamente escolhidas, com o propósito de averiguar as diferenças entre elas. As entrevistas foram concedidas no dia 4 de janeiro de 2015.

Os tópicos agrupados foram:

- 1) Local de residência
- 2) Quantos moradores na casa
- 3) Condição de moradia (aluguel ou casa própria)
- 4) Canalização de água e esgoto
- 5) Rua pavimentada ou em processo de estruturação
- 6) Relatos de incidentes

Entrevistado: A

Idade: 64

Profissão: Empregada doméstica

- 1) Local de residência: Rua dos Caripunas, entre Travessa de Breves e Avenida Bernardo Sayão
- 2) Quantos moradores na casa: 5 (cinco) pessoas
- 3) Condição de moradia: casa própria. Reside há 64 anos no local
- 4) Canalização de água e esgoto: sim. Canalização de esgoto iniciado há 3 anos
- 5) Rua pavimentada ou em processo de estruturação: sim. Houve aterramento do canal, finalizado em 2012.
- 6) Relatos de incidentes: Não há relatos sobre incidentes no local e há coleta semanal de lixo numa caçamba da rua.

Entrevistado: B

Idade: 63

Profissão: Vendedor autônomo

- 1) Local de residência: Travessa Quintino Bocaiúva, entre Avenida Bernardo Sayão e Travessa Honório José dos Santos
- 2) Quantos moradores na casa: 3 (três) pessoas
- 3) Condição de moradia: Aluguel. Residência com 2 (quartos) a 330 reais mensais.
- 4) Canalização de água e esgoto: esgoto sim, mas a água não é frequente e é de qualidade inferior.
- 5) Rua pavimentada ou em processo de estruturação: Sim. Aterramento do canal da Quintino Bocaiúva em andamento.
- 6) Relatos de incidentes: A rua sofre com frequentes alagamentos, mas que vêm diminuindo com a estruturação do canal da rua.

Entrevistado: C

Idade: 83

Profissão: Comerciante

- 1) Local de residência: Avenida Bernardo Sayão, próximo a Rua Oswaldo de Caldas Brito (reside e trabalha no mesmo local)
- 2) Quantos moradores na casa: 4 (três) pessoas
- 3) Condição de moradia: casa própria.
- 4) Canalização de água e esgoto: Sim. Mas o esgoto só é encanado até uma parte da avenida. Depois corre a céu aberto.
- 5) Rua pavimentada ou em processo de estruturação: sim. Aterramento de parte do canal da avenida na altura do Portal da Amazônia.
- 6) Relatos de incidentes: Há alagamentos frequentes na região. A alta incidência de chuvas faz o esgoto a céu aberto transbordar da rua para as residências. Mas esses incidentes ocorrem onde a avenida ainda não foi revitalizada.

Entrevistada: D

Idade: 48

Profissão: Autônoma

- 1) Local de residência: Avenida Fernando Guilhon, entre Travessa de Breves e Passagem Elite
- 2) Quantos moradores na casa: 1 (uma) pessoa
- 3) Condição de moradia: casa própria
- 4) Canalização de água e esgoto: sim, porém o fornecimento de água não é frequente.
- 5) Rua pavimentada ou em processo de estruturação: sim. Pavimentação finalizada em 2014.
- 6) Relatos de incidentes: Houve uma diminuição dos alagamentos, sendo mais frequentes na Avenida Bernardo Sayão, pois a água escorre para aquela região. A situação melhorou após intervenções urbanas ocorridas no governo do prefeito Dulciomar (2012).

Entrevistada: E

Idade: 67

Profissão: Autônoma

- 1) Local de residência: Avenida Fernando Guilhon, entre Travessa Honório José dos Santos e Travessa Carlos de Carvalho
- 2) Quantos moradores na casa: 2 (duas) pessoas
- 3) Condição de moradia: Casa própria
- 4) Canalização de água e esgoto: sim
- 5) Rua pavimentada ou em processo de estruturação: sim. Pavimentação completa da avenida finalizada em 2014.
- 6) Relatos de incidentes: A incidência de chuvas alaga a avenida inteira, mas a água escoava para as casas de palafita à beira da Avenida Bernardo Sayão.

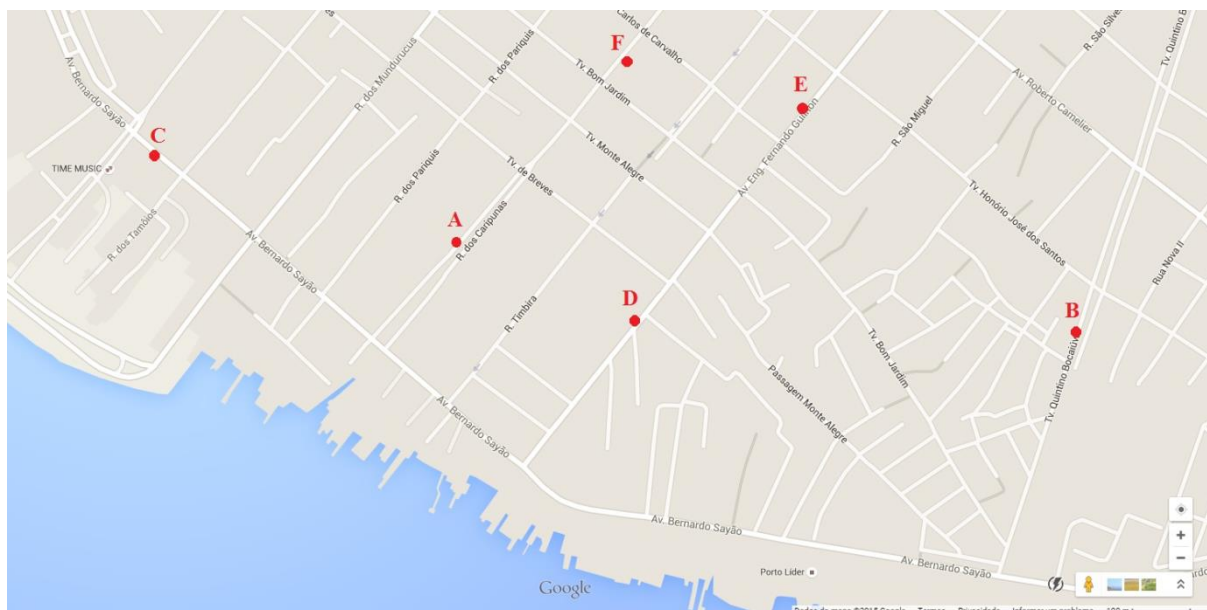
Entrevistado: F

Idade: 57

Profissão: Autônomo

- 1) Local de residência: Rua dos Caripunas, entre Travessa Carlos de Carvalho e Travessa Bom Jardim
- 2) Quantos moradores na casa: 4 pessoas
- 3) Condição de moradia: Casa própria
- 4) Canalização de água e esgoto: sim
- 5) Rua pavimentada ou em processo de estruturação: sim. Aterramento do canal finalizado em 2012
- 6) Relatos de incidentes: Havia alagamentos frequentes devido ao transbordamento do canal proveniente dos altos índices de chuvas, mas a situação foi sanada com o aterramento completo do canal.

Mapa 3: Localização das residências dos entrevistados



Fonte: Google Maps, 2015

Elaboração: Erick Bastos

#### 4.1.2 Análise das entrevistas

A partir do agrupamento das informações fornecidas pelos entrevistados, foi possível perceber que há significativa diferenciação nas infraestruturas locais, mesmo que as residências sejam distantes em apenas alguns metros.

As residências com melhor (ou menos pior) infraestrutura são as dos entrevistados F, E e A. F e A moram na mesma rua, mas as diferenças de melhorias urbanas foram sentidas com mais rigor para A, que passou a ter encanamento adequado de esgoto após o aterramento completo do canal da Rua dos Caripunas, que fica em frente a sua residência.

A mudança foi mais sentida para a entrevistada A porque na altura em que F reside, o canal já não chega, pois não se estende por toda a rua. Inicia-se na Travessa de Breves e percorre até o cruzamento com a Avenida Bernardo Sayão. Com o seu aterramento completo, a qualidade de vida dessa parcela da população aumentou consideravelmente.

E, D e B observam com frequência a incidência de alagamentos na região. Aliando a precariedade infraestrutural com o quadro físico da região, é possível inferir o porquê dessa situação.

Na Travessa Quintino Bocaiúva, o canal que divide o bairro com Condor ainda não está completamente canalizado. Como o próprio entrevistado B evidenciou, a falta de canalização adequada atinge o fornecimento de água potável na sua residência.

E e D relataram a mesma situação. Quando há a incidência de chuvas, o escoamento da água percorre a superfície e alaga a região da Avenida Bernardo Sayão. Isso ocorre porque essa avenida é a localidade mais baixa do Jurunas, e como não há drenagem no local, a avenida fica completamente alagada. A situação se agravou mais ainda quando a Avenida Fernando Guilhon teve sua pavimentação finalizada, facilitando o escoamento para a região mais baixa.

O morador da Avenida Bernardo Sayão, C, reforça essa tendência quando afirma que o local, por não ter canalização de esgoto, sofre com alagamentos e transbordamentos quando chove na região.

Mesmo com todos os entrevistados não tendo a qualidade de vida necessária, é possível inferir que apenas C ainda vivencia um problema que antes era recorrente nas outras regiões do bairro. As melhorias urbanas e estruturação dos canais, mesmo que efetivadas a longo prazo, vêm transformando a vida da população do Jurunas.

A implementação das políticas públicas de melhorias urbanas no bairro são um importante fator não só para a qualidade de vida da população, mas também para a valoração daquele espaço urbano no contexto de Belém, em seus mais diversos vieses: político, social, cultural, econômico e natural.

## **4.2 AS MUDANÇAS SOCIOECONÔMICAS PROVOCADAS PELA CONSTRUÇÃO DO PORTAL DA AMAZÔNIA**

A construção do Portal da Amazônia demandou uma série de procedimentos infraestruturais e modificações de organização urbana. Além de ter que reurbanizar uma grande parcela da área ribeirinha, a prefeitura de Belém teve de realocar algumas famílias que moravam irregularmente à beira da orla do rio Guamá e em casas de palafita, para que toda a região pudesse ser aterrada e o complexo pudesse ser construído.

A mudança das famílias para outras localidades é um símbolo que marca a resistência da população no local. O tradicionalismo jurunense é muito enraizado, e, dessa forma, mesmo que aquelas pessoas tenham se mudado para residências com melhor infraestrutura, o desejo de ter continuado ali é forte. A entrevistada A, residente da Rua dos Caripunas, é um exemplo disso. Durante os 64 anos de vida, a empregada doméstica sempre residiu no mesmo local. Um fato que evidencia como a cultura tradicionalista impera dentro do bairro.

A conclusão que se pode chegar fazendo a análise das entrevistas é que apesar dos problemas urbanos, o enraizamento cultural é mais forte e contribui mais para a permanência das pessoas no bairro.

Porém, os diferentes tipos de estruturas residenciais evidenciam mais de um tipo de Jurunas. A construção do Portal da Amazônia foi um importante passo para a mudança da organização urbana dentro do bairro.

## **4.3 OS IMPACTOS INFRAESTRUTURAIS COM A INAUGURAÇÃO DO PORTAL DA AMAZÔNIA**

Antes da construção do Portal da Amazônia, grande parte do bairro do Jurunas era composto de residências sem ao menos ter saneamento adequado, principalmente as casas da região mais baixa e próxima ao rio Guamá.

As casas mais ao norte e beirando o bairro Batista Campos e à oeste o bairro Cidade Velha, são muito diferentes daquelas que beiram a orla. E entre as casas da orla e aquelas mais estruturadas, pode ser observada algo como uma zona de transição entre os dois tipos.

Nesse sentido, podemos mapear o bairro em diferentes Zonas. As diferenças de organização estrutural das residências seguem uma continuidade. Os formatos dos dois principais tipos de moradias se assemelham com a letra “L”. Portanto, chamaremos de L1 a parte mais alta e estruturada do Jurunas e de L2 a parte mais baixa e precária. Entre as duas zonas, a zona de transição será chamada de Zona Quadrante, por ser basicamente uma área “que se enquadra” em meio às duas outras principais.

O fato de existirem zonas “L’s” diferentes no Jurunas se deve principalmente por causa de dois fatores:

- As condições socioeconômicas que são discrepantes até mesmo dentro do bairro;
- A condição física de baixadas da região, que forma uma “barreira” e impede uma infraestrutura uniforme em todo o bairro.

Na Zona L2, por exemplo, os terrenos são mais baixos e mais frágeis à construção civil do que na Zona L1, e como a população predominante do bairro é de classe média baixa, a falta de recursos para habitação adequada configura uma paisagem urbana com infraestrutura precária nessa região.

As áreas mais altas do Jurunas são ocupadas por aqueles que têm melhores condições de se manter ali. Na Zona L1, as residências são mais valorizadas economicamente, pois estão em local mais alto, sofrendo em menor frequência com a incidência de alagamentos, e possuem melhor estrutura para encanamento de esgoto, água e luz. Ou seja, a condição de habitação nessa localidade é mais favorável.

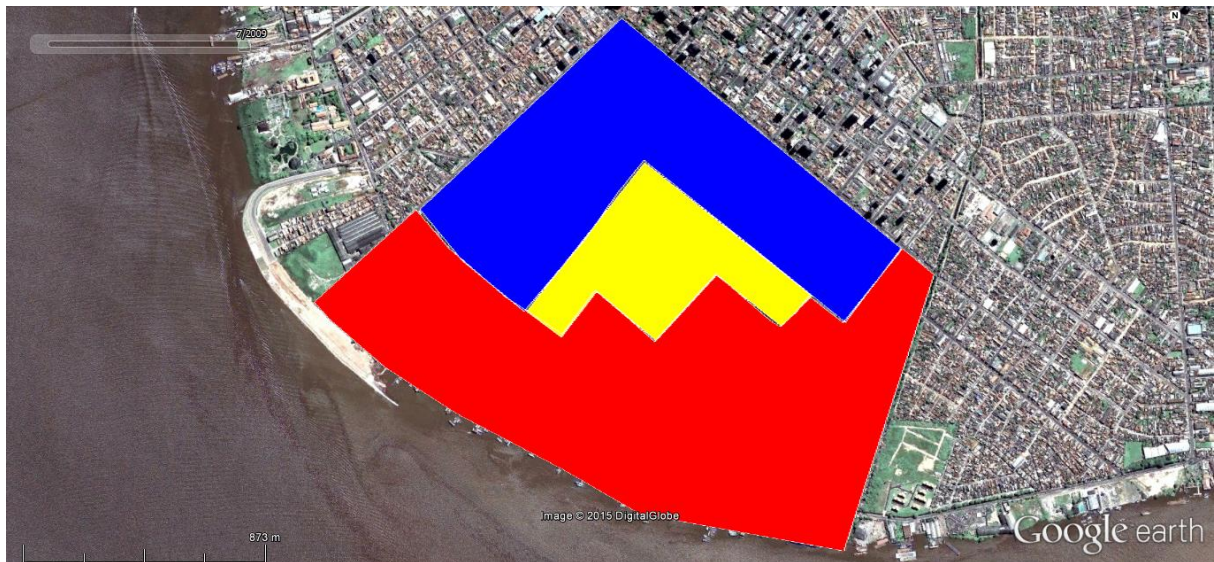
O que difere a configuração urbana de Belém de outros núcleos urbanos, além de questões socioeconômicas, de políticas públicas e investimentos de reurbanização, em grande parte é o relevo. Na maioria das capitais litorâneas brasileiras, o mercado imobiliário e a valorização dos espaços se concentram ao longo das orlas.

Em Manaus, a região próxima ao rio Negro é mais explorada economicamente que a região mais distante. O bairro de Ponta Negra, por exemplo, é um dos mais nobres da capital amazonense e se localiza as margens do rio. Mas isso se deve pelo fato de a região ser propícia à ocupação urbana e a área fluvial ser o principal meio de conexão com outras localidades, situação que não é exclusiva na capital paraense. A organização infraestrutural



jurunense reforça esse fato, principalmente quando se põe em evidência as casas de palafita, que resistem sobre uma região muito frágil a construções e é potencialmente alagadiça.

Mapa 4: Configuração infraestrutural do Jurunas antes do Portal da Amazônia (até 2005)



Legenda:

- Zona L1 - Casas com infraestrutura adequada
- Zona Quadrante - Casas com média infraestrutura
- Zona L2 - Casas com infraestrutura precária

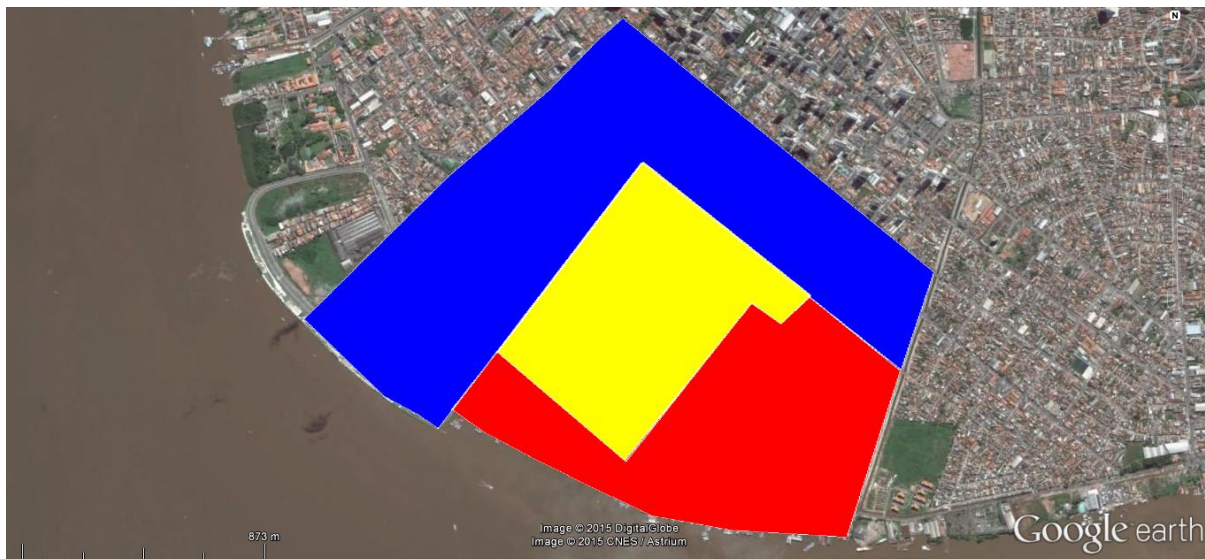
Fonte: Google Earth, 2015

Elaboração: Erick Bastos

Na zona L2, a situação é completamente oposta. A maioria dos lotes é muito irregular, com casas sem possuir encanamento de esgoto ou água (muitas em situação de palafita) e há ruas que sequer são asfaltadas. Fatores esses que contribuem para frequentes impactos ambientais, sendo as enchentes e a poluição dos canais os mais notórios.

A Zona Quadrante age como um intermédio entre as “L’s”. Não são totalmente vulneráveis a incidentes e precários como na L2, mas também não possuem infraestrutura completamente adequada, como na L1. Na Rua dos Caripunas, por exemplo, mesmo distantes em metros umas das outras, há residências com encanamento completo e outras sem fornecimento de água. Assim como há residências com grandes lotes e vários cômodos, e outras com apenas um cômodo e sem o fornecimento completo de energia elétrica.

Mapa 5: Configuração infraestrutural do Jurunas após o Portal da Amazônia (a partir de 2012)



Legenda:

- Zona L1 - Casas com infraestrutura adequada
- Zona Quadrante - Casas com média infraestrutura
- Zona L2 - Casas com infraestrutura precária

Fonte: Google Earth, 2015  
Elaboração: Erick Bastos

A construção do Portal da Amazônia alterou consideravelmente a configuração dos “L’s” no Jurunas. Novas regiões passaram a ter melhor infraestrutura, e por consequência maior valorização. A canalização e aterramento dos canais serviram como complemento (embora fossem emergenciais e essenciais) da construção do novo complexo.

Com auxílio de imagens de satélites, relatos dos moradores e as observações presenciais de diferenças estruturais ao andar pelas ruas do Jurunas, é possível inferir quais áreas se modificaram e a partir disso elaborar um novo mapeamento das zonas no local.

Nesse sentido, é notável a transformação que o Portal da Amazônia efetuou em toda a região jurunense, não se limitando somente ao local onde foi construído.

#### **4.4 O PORTAL DA AMAZÔNIA COMO AGENTE TRANSFORMADOR**

A construção do complexo poliesportivo e turístico foi um importante impulso no desenvolvimento do Jurunas e de Belém. A necessidade de ter espaços para lazer e áreas para diversos eventos já era emergencial na metrópole.

O Jurunas vivia uma situação complexa até o momento da criação do Portal. Ao mesmo tempo em que sentia cada vez mais a necessidade de ser reurbanizado para ser englobado na região central da cidade, o bairro vivia em uma situação de estagnação, evidenciada pela falta de políticas públicas que pudessem transformar essa região periférica.

Por essa razão, o desenvolvimento jurunense, durante todo o seu período de ocupação e existência, no que diz respeito à questão infraestrutural, sempre se limitou à Zona L1 e nunca se desenvolveu nos locais onde precisava em caráter emergencial, como por exemplo, ao longo da Avenida Bernardo Sayão. Situação essa que fez aquela região se tornar cada vez mais precária à medida que o bairro se adensava demograficamente.

Com a implementação do projeto do Portal da Amazônia, o contexto jurunense começou a se modificar. A partir de 2005, paralelamente ao aterramento da área de formação do complexo, outras melhorias começaram a tomar forma no bairro, como o aterramento e canalização de canais, melhorias de saneamento em novas regiões e pavimentação de ruas.

Em apenas 10 anos, foi possível perceber significativas modificações no bairro. Mudanças essas que o fizeram se desenvolver em pouco tempo, mais do que havia se desenvolvido durante toda a sua existência.

Essa situação é evidenciada pelas respostas que os entrevistados forneceram sobre as localidades que residem. Embora todos tenham relatado já ter visto ou presenciado enchentes ou outros incidentes na região, a maioria também relatou ter percebido mudanças nessa localidade que culminaram na diminuição da frequência desses incidentes.

O novo mapeamento das zonas “L’s” fez-se perceber que A, E, C e D “trocaram” de Zona. A, E e D saíram da L1 para Zona Quadrante. Essa mudança se explica pelo fato de haver melhorias infraestruturais de pavimentação no caso de E e D, e do aterramento do canal no caso de A. Mas são regiões que ainda precisam de mais investimento para habitação adequada.

O único entrevistado que mudou da L1 direto para L2 foi C. A localização privilegiada deste morador (na direção do Portal da Amazônia), fez com que as mudanças infraestruturais atingissem diretamente sua residência por conta da implementação daquele complexo, com a presença de pavimentação, encanamento de esgoto e fornecimento de água adequado. Apesar disso, o morador relata ainda presenciar constantes alagamentos na região mais baixa da avenida, onde não há encanamento de esgoto. Portanto, na Zona L2, que continua estagnada.

B e F foram os únicos que não tiveram mudanças significativas na região, que fizesse com que a zona em que residem não se alterasse. Embora a canalização do canal da Travessa Quintino Bocaiúva tenha sido efetivada, B ainda não tem fornecimento de água adequado, por exemplo.

F, apesar de continuar na Zona Quadrante, relata perceber significativas mudanças na região. E, por exemplo, mora na mesma rua, mas fazia parte da L1.

As respostas dos entrevistados permitem inferir que as reurbanizações estão se expandindo com mais frequência e que a região jurunense está cada vez mais ganhando notoriedade e investimentos públicos para a população em maiores áreas.

Foto 13: Paróquia Santa Terezinha do Menino Jesus



Fonte: Erick Bastos, 2015

## CONCLUSÕES

Toda a contextualização do Jurunas ao longo do tempo transcende aspectos meramente físicos e infraestruturais. A questão da centralidade geográfica do bairro é muito importante para definir toda a caracterização que há por trás disso.

A ocupação histórica do local fez com que a região adquirisse uma conotação cultural tradicionalista. O enraizamento da população no bairro permitiu que o Jurunas ganhasse uma forte presença no contexto da história de Belém.

Aliado ao tradicionalismo, a até então valoração do espaço começou a ser somada a valorização por conta de sua localização geográfica. O englobamento do bairro na centralidade histórica-cultural da cidade é um importante fator que faz o Jurunas ganhar visibilidade e mais investimentos locais, embora tenha tardado muito para acontecer.

A valorização jurunense ainda é uma barreira a ser quebrada, já que a região ainda tem o peso cultural de ser periférica, apesar de estar muito próxima aos bairros centrais e nobres de Belém.

Com a saturação das cotas altas e a completa expansão urbana da metrópole, os locais antes esquecidos pelas políticas públicas de urbanização, as áreas de baixada, começaram a ser inseridas em um novo contexto.

No Jurunas, essa transformação só começou a ganhar força em 2005, quando o projeto de implantação do Portal da Amazônia começou a ser executado. O bairro como um todo sofreu grandiosas obras, o que foi extremamente importante para melhorar não só o aspecto urbano da região, mas a qualidade de vida da população e uma nova visão de uso dos espaços.

A localização da cidade em áreas de baixada ajudou a configurar a paisagem urbana atual. A inserção do Jurunas na baixada da bacia da Estrada Nova o fez ser caracterizado como um bairro com população de classe média baixa e de diferenças significativas nos tipos das residências.

O tradicionalismo histórico-cultural do Jurunas o delineou a ser um bairro com uso do espaço para diversas finalidades, mesmo que grande parte do local seja carente em infraestrutura. A música, os eventos religiosos, as festas de aparelhagem e tantos outros

elementos que caracterizam a cultura do Jurunas, ajudam a valorizar, fortalecer e configurar o uso daquele espaço que sofre com tanta precariedade, a outras variadas destinações.

O Portal da Amazônia foi um marco para a região. Além de melhorar significativamente algumas áreas carentes e promover melhor qualidade de vida para uma parcela da população, a nova infraestrutura ajudou a movimentar a sociabilidade na área e por consequência movimentar a economia, assim como promover o turismo e o bem estar social.

Nesse sentido, a utilização e valorização dos espaços em seus mais variados vieses, indo desde o cultural até o político e econômico, se transformaram e ainda vêm se transformando, à medida que o bairro ganha mais visibilidade no sentido de ser um agente importante constituinte da capital.

Dessa forma, a conclusão que podemos chegar é que, dentro da pesquisa analisada no Jurunas, a infraestrutura atua como um elemento regulador do uso e representação do espaço em suas diferentes formas e que sua efetivação é um importante fator na melhoria da qualidade de vida, fortalecimento cultural e possibilidade de novas oportunidades de uso dos espaços.

Com a continuação do projeto do Portal da Amazônia e a finalização da macrodrenagem da bacia da Estrada Nova, mais impactos benéficos serão gerados em toda a região de baixadas, não apenas no Jurunas, mas também nos bairros Condor e Guamá, já que todo o aterramento da orla será concretizado e a existência das casas de palafita na região, por exemplo, diminuirão consideravelmente, e por consequência, os incidentes decorrentes da precariedade de infraestrutura urbana também, dando novas concepções e possibilidades de uso do espaço urbano.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adrielson Furtado. Disponível em: <<http://adrielsonfurtado.blogspot.com.br/>> Acesso em: 5 dez 2014.

ALENCAR, Breno Rodrigo; PANTOJA, Bruna Natália. **Impactos sócio-ambientais provocados pelas ocupações irregulares do solo urbano na Ilha de Caratateua (Belém/PA)**. In: 62ª Reunião Anual da SBPC. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

ALMEIDA, Adrielson Furtado. **Conjunto Cidade Nova ou Cidade?** Disponível em: <<http://adrielsonfurtado.blogspot.com.br/2010/04/conjunto-cidade-nova-ou-cidade.html>> Acesso em: 25 mar 2015.

ANA. **Região hidrográfica amazônica. O maior do mundo em disponibilidade de água**. Disponível em: <<http://www2.ana.gov.br/Paginas/portais/bacias/amazonica.aspx>> Acesso em: 4 mar 2015.

Baixar Mapas. **Pará**. Disponível em: <<http://www.baixarmapas.com.br/mapa/estado/para/>> Acesso em: 5 nov 2014.

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Geografia Urbana**. 2ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997. 525p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re)produção do espaço urbano**. São Paulo: edusp, 1994. 270p.

CASTRO, Leonardo. **Belle Époque e a era Lemos**. Disponível em: <<http://parahistorico.blogspot.com.br/2009/02/belle-epoque-e-era-lemos.html>> Acesso em: 2 dez 2014.

Eloi Raiol Fotografando. **Decolando Belém**. Disponível em: <<http://eloiraiolfotografando.blogspot.com.br/2015/03/decolando-belem.html>> Acesso em 6 mai 2015.

Federação Paraense de Ciclismo. **Alguns pontos turísticos de Belém**. Disponível em: <<http://www.paciclismo.com.br/pagina.php?cat=145&noticia=409>> Acesso em 23 jun 2015.



FLORENZANO, Franssinete. **Especulação imobiliária avança sobre a orla de Belém.** Disponível em: < <http://uruatapera.blogspot.com.br/2014/02/especulacao-imobiliaria-avanca-na-orla.html>>. Acesso em: 2 mar 2015.

Frenesi Cultural. **“Ver-o-Peso” da tua história.** Disponível em: <<http://www.frenesicultural.com/2012/04/ver-o-peso-da-tua-historia.html>> Acesso em 16 fev 2015.

G1 Pará. **Forte chuva em Belém deixa ruas alagadas e complica tráfego.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/04/forte-chuva-em-belem-deixa-ruas-alagadas-e-complica-trafego.html>> Acesso em: 20 abr 2015.

GOOGLE Earth. Disponível em: <<http://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>> Acesso em: 8 set 2014.

GOOGLE Maps. Disponível em: <[www.maps.google.com.br](http://www.maps.google.com.br/)>. Acesso em: 12 abr 2015.

Haroldo Baleixe. Disponível em: <<http://haroldobaleixe.blogspot.com.br/>> Acesso em: 8 out 2014.

Histórias Para Contar. Disponível em: <[http://historias-p-contrar.blogspot.com.br/2012\\_06\\_01\\_archive.html](http://historias-p-contrar.blogspot.com.br/2012_06_01_archive.html)> Acesso em: 5 mai 2015.

HÜFFNER, João Gabriel. **Estudo sobre os impactos do turismo em áreas naturais em processo de urbanização: O Caso da Ilha de Cotijuba, Belém – PA.** 2011. 193 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano) – Programa de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano, Universidade da Amazônia, Belém.

IBGE. [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Cidades, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 10 out 2014.

IDESP – Governo do Estado do Pará. Disponível em: <<http://www.idesp.pa.gov.br/>> Acesso em 20 dez 2014.

Caroline Faria, 2006. Infoescola. **Bacia Hidrográfica.** Disponível em: <<http://www.infoescola.com/hidrografia/bacia-hidrografica>> Acesso em: 8 nov 2014.

JUNIOR, Antônio Carlos. **GEOMORFOLOGIA URBANA E PLANEJAMENTO AMBIENTAL NA CIDADE DE BELÉM-PA.** In: XIII Simpósio Nacional de Geografia

Urbana, Rio de Janeiro, 2013. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2013.

LIMA, Jose Julio. **Socio-spatial segregation and urban form: Belém at the end of the 1990s**. 1 ed. Oxford: Oxford Brookes University, 2000. 507 p.

LIMA, Tânia. **Povos indígenas no Brasil: Yudjá/Juruna**. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/yudja>> Acesso em: 25 fev 2015.

LIMA, Wilson. **Pará tem a capital e a cidade com a maior proporção de moradores em favelas**. Portal IG, 2011. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/para-tem-a-capital-e-a-cidade-com-a-maior-proporcao-de-moradores/n1597418140326.html>> Acesso em: 15 abr 2015.

MOTTA, Diana; PÊGO, Bolívar. **Licenciamento ambiental para o desenvolvimento urbano: avaliação de instrumentos e procedimentos**. 1 ed. Rio de Janeiro: IPEA, 2013. 724 p.

NAHON, Samantha; HOLANDA, Frederico. **ONDE O CINTURÃO APERTA: INTEGRAÇÃO E SEGREGAÇÃO EM BELÉM**. 2000. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2000. 15p.

NASCIMENTO, Cícero Cabral. **Clima e morfologia urbana em Belém**. 1995. 157 f. Dissertação (Mestrado em Desenho Urbano) – Curso de Pós-Graduação, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília.

NASCIMENTO, Julio César. **ESTRUTURA, PROCESSO, FUNÇÃO E FORMA NA CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO URBANO**. Web Artigos: Geografia. Rio de Janeiro, v. 1, p. 12-35, 2011. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/estrutura-processo-funcao-e-forma-na-constituicao-do-espaco-urbano/71554/>>. Acesso em: 16 mai 2015.

Olhando Belém. **Rancho Não Posso Me Amofiná**. Disponível em: <<http://www.olhandobelem.com/2014/02/rancho-nao-posso-me-amofina/>> Acesso em: 2 mai 2015.

PEREIRA, Iacimary Socorro de Oliveira. **A implantação do cinturão institucional e a valorização imobiliária em Belém**. 2004. 140 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília.

\_\_\_\_\_, Iacimary Socorro de Oliveira. **As políticas públicas de revitalização urbana e a localização das classes sociais: o caso de Belém-PA.** 2009. 286 f. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília.

Prefeitura de Belém. **CODEM.** Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/app/c2ms/v/?id=18&conteudo=2670> Acesso em: 8 dez 2014.

RODRIGUES, Carmem Izabel. **VEM DO BAIRRO DO JURUNAS: Sociabilidade e construção de identidades entre ribeirinhos em Belém-PA.** 2006. 360 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SADECK, Luis; SOUZA, Arlesson; SILVA, Laryssa. **Mapeamento das Zonas de Risco às Inundações no Município de Belém – PA.** In: VI Encontro Nacional da Anppas, 2012. Anais do VI Encontro Nacional da Anppas. Belém: Universidade Federal do Pará, 2012.

SALAME, Antonio Massoud. **Mapeamento das fundações mais usadas na cidade de Belém-PA: aspectos gerais e proposta preliminar de mapeamento de soluções utilizadas em casos recentes.** 2003. 181 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Pará, Centro Tecnológico, Belém.

SANTOS, F. A. **Alagamento e inundação urbana: modelo experimental de avaliação de risco.** Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Pará, Museu Paraense Emilio Goeldi e EMBRAPA, Belém, 2010.

SANTOS, Leonardo. Geopará, 2012. **Expansão Urbana x Cobertura Vegetal.** Disponível em: <http://geopara.blogspot.com.br/2012/07/o-advento-do-sensoriamento-remoto-de.html> Acesso em 10 abr 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 1986. 236p.

SANTOS, Milton. **Espaço e método.** 3ª ed. São Paulo: Nobel, 1992.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SAQUET, Marcos Aurelio; SILVA, Sueli. **Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território**. In: Geo UERJ - Ano 10, v.2, n.18, 2008. p. 24-42. Disponível em: <[www.geouerj.uerj.br/ojs](http://www.geouerj.uerj.br/ojs)> Acesso em: 18 nov 2014.

Souparaense.com. **Theatro da Paz: Imponência com a marca imperial**. Disponível em: <<http://www.souparaense.com/2010/05/theatro-da-paz-imponencia-com-marca.html>> Acesso em 16 fev 2015.

SOUZA, Marina. **Manaus e Belém são as capitais menos arborizadas, indica IBGE**. Manaus: G1, 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2012/05/manaus-e-belem-sao-capitais-menos-arborizadas-indica-ibge.html>> Acesso em: 12 fev 2015.

TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro. **Produção do Espaço e Uso do Solo Urbano em Belém**. Belém: NAEA / UFPA, 1997. 180p.

VIEIRA, Lúcio Salgado; OLIVEIRA, Niomar Viegas de Carvalho; BASTOS, Terezinha Xavier. **Os solos do Estado do Pará**. 1 ed. Belém: IDESP, 1971. 175 p.

Wikimapia. Jurunas (Belém). Disponível em: <<http://wikimapia.org/8025065/pt/Jurunas>> Acesso em: 6 jun 2015.

Wikipédia. **Belém (Pará)**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Bel%C3%A9m\\_\(Par%C3%A1\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bel%C3%A9m_(Par%C3%A1))> Acesso em 3 set 2014.

Wilson Lima. Último Segundo, 2011. **Pará tem a capital e a cidade com a maior proporção de moradores em favelas**. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/para-tem-a-capital-e-a-cidade-com-a-maior-proporcao-de-moradores/n1597418140326.html>> Acesso em: 25 mai 2015.